

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FERNANDO DE OLIVEIRA DOS SANTOS

**BATIDAS, DISCURSOS E MARGINALIZAÇÃO: O PODER DE REIVINDICAÇÃO
DO JOVEM DELMIRENSE ATRAVÉS DO RAP**

Delmiro Gouveia – AL

2023

FERNANDO DE OLIVEIRA DOS SANTOS

**BATIDAS, DISCURSOS E MARGINALIZAÇÃO: O PODER DE REIVINDICAÇÃO
DO JOVEM DELMIRENSE ATRAVÉS DO RAP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia - AL
2023

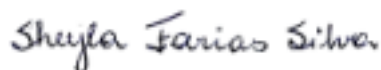
FOLHA DE APROVAÇÃO

FERNANDO DE OLIVEIRA DOS SANTOS

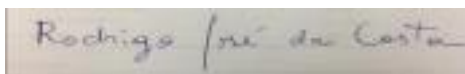
Batidas, discursos e marginalização: o poder de reivindicação do jovem delmireense através do rap

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciado em História, aprovado em 17/05/2023.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Sheyla Farias Silva - UFAL (Orientadora)



Prof. Dr. Rodrigo José da Costa – UFAL



Prof. Dr. Mateus Antônio de Almeida Neto – UFS

RESUMO

O presente artigo exprime uma breve análise sobre a juventude adepta ao hip-hop, na cidade de Delmiro Gouveia, interior alagoano. O objetivo deste trabalho é o de compreender a contribuição de uma musicalidade marginalizada, neste caso do rap, reproduzido e consumido pela juventude para o município. No decorrer, trataremos sobre acontecimentos referentes aos primeiros vestígios de hip-hop na cidade, seu processo de resistência e a relevância de alguns indivíduos nessa conjuntura. Para tal propósito, utilizamos consulta bibliográfica para descrição do objeto e o método qualitativo mediante História Oral Temática, entrevistando cinco sujeitos compreendidos como contribuintes para a cena do rap local. Dado esses fatores, percebemos singularidade, por parte de uma minoria sertaneja delmirenses, que se identificavam com o rap e seus discursos, as possibilidades de inserção artística com o uso do hip-hop, sua contribuição sociocultural, visibilidade social e o uso do discurso do rap para combater fatores que alguns adeptos entendiam como repressão.

Palavras-chaves: Juventude; Hip-hop; Rap; História Oral; Delmiro Gouveia.

ABSTRACT

This article expresses a brief analysis of the youth adeptat hip-hop, in the city of Delmiro Gouveia, in the interior of Alagoas. The objective of this work it is o from understanding the contribution of a marginalized musicality, in this case, of rap reproduced and consumed by theyouth, for the municipality. In the course, we will deal, events related to the first vestiges of hip-hop in the city, its process of resistance of some individuals in this conjuncture. For such purpose, we use bibliographical consultation for description of the object and the qualitative method through History Oral Thematic, interviewing five subjects understood as contributors to the local rap scane. Given these factors, we perceive singularity, on the parto f a minority from the backlands of Delmir, who identified with rap and its speeches, the possibilities of artistic insertion with the use of hip hop, your sociocultural contribution, social visibility and the use of rap discouse to combat factors that somo supporters understood as repression.

Keywords: Youth; Hip hop; Rap Music; Oral History; Delmiro Gouveia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A CULTURA HIP-HOP CHEGA AO BRASIL	8
2.1	Hip-hop: cultura ou movimento	10
2.2	O rap e sua posição social	11
3	DELMIRO GOUVEIA NA CENA	13
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Para entendimento da cultura hip-hop, torna-se indeclinável voltar ao seu berço, Nova Iorque, bairro do Bronx. No século XX, aspectos governamentais relacionados ao bairro, influenciou em sua degradação. Como exemplo, podemos citar a construção da Cross Bronx Expressway, via expressa idealizada para ligar pontos de acesso em Nova Iorque, sua edificação entre os anos de 1948 e 1971, ocasionou em indiligência e isolamento de grande parte do bairro.

Nesta conjuntura, o Bronx, se transfigurou em um subúrbio novaiorquino, devido a imigração de populares para os Estados Unidos, visando melhores condições de vida, adquiriu-se uma característica étnica negra e hispânica. Na década de 1970, além dos conflitos sangrentos, por território e reconhecimento, entre gangues, o bairro disponibilizava de um cenário cotidiano de repressão policial, violência, racismo e carência de acesso ao lazer.

O hip-hop surge, de modo disperso, neste espaço, segundo Raposo (2013), os DJs foram concludentes para a iniciação do dinamismo embrionário do movimento sociocultural protagonizado e reproduzido pelos negros. O jamaicano Kool Herc, ao desempenhar o ofício de DJ, em festivais promovidos no Bronx, encabeçou o processo de reprodução da cultura. Raposo (2013), diz que Herc, utilizando um sound system¹, constatou uma agitação maior por parte do público, quando tocava nas músicas de soul e funk a parte do instrumental. O DJ, então, acabou criando uma técnica para prolongar as partes dançantes das músicas, nomeando-a de break beat.

O surgimento da sonoridade, rapidamente, passou a embalar a juventude mediante a dança, de modo consequente, originando o break dance. O uso do microfone tornava-se outro requisito inovador nas festas comandadas por Herc, para que, enquanto “discotecava”, expusesse rimas para fomentar maior agitação do público. Outros DJs, se habituaram a elaborar festivais no mesmo formato, e a juventude passou a vislumbrar, mediante o hip-hop, novas formas de interação, protesto e reconhecimento social.

O militante, produtor, cantor, DJ e ex membro de gangue Afrika Bambaataa, encabeçou lançar em prática, projetos sociais pautados nas novas reproduções artísticas desfrutadas pela juventude, idealizando diminuir a violência entre gangues. Conforme Macedo (2011), Bambaataa, refere-se ao pioneiro a utilizar o termo hip-hop, que possui o sentido “saltar mexendo os quadris”. Além disso, foi também, idealizador da Zulu Nation, em 1977, ONG que promovia competições entre DJs, b-boys, b-girls e grafiteiros, pautadas nos princípios de paz,

¹ Sistema de som potente cultural jamaicano.

amor, união e diversão, com o intuito social de possibilitar ingresso artístico e social no Bronx. (TEPERMAN, 2015).

O hip-hop, então, passou a se constituir da seguinte forma, o graffiti (artes visuais pintadas em áreas urbanas com tinta spray), o break (dança caracterizada por passos robotizados praticada por b-boys e b-girls), o DJ (disc jóqueis, responsável pelas bases musicais) e o MC (mestre de cerimônia, responsável pelo canto e composições). A junção dos dois últimos citados origina o rap, o elemento musical da cultura hip-hop, sigla da expressão inglesa *rhythm and poetry*, em português o termo significa ritmo e poesia.

É válido observar que rap e hip-hop, teoricamente, são coisas distintas, o hip-hop refere-se a uma cultura portadora de pluralidade em suas formas de reproduções. O rap, conseqüentemente, trata-se de uma propagação da cultura tratada. Destacamos neste artigo o lado musical do hip-hop, sabendo que existem inúmeras vertentes do rap, do tipo gospel, ostentação e o trap², focaremos no rap despontado no Brasil nos anos 90.

No Brasil, o hip-hop teve seu processo embrionário mediante jovens negros e periféricos, na década de 1980. O objetivo deste artigo, parte do interesse em compreender a contribuição de uma musicalidade marginalizada, neste caso o rap, reproduzido e consumido no município delmirensense. De certo modo, torna-se relevante investigar como a juventude³ constituídas por sujeitos cursando o ensino médio, entre quinze e 22 anos de idade, filhos de pais operários e de diferentes raças, se situa na posição de porta voz de uma cultura negra e periférica. Como um estilo musical de forte ideologia versada em cima de batidas agressivas pode refletir no jovem consumidor. Qual a necessidade em haver autores de obras que representam e narram o cotidiano da periferia?

Percebe-se certa resistência do movimento hip-hop no município estudado, porém, pouco se vê sendo lembrado pela historiografia local. Devido ao fato de ter chegado ao Brasil pelas grandes cidades, pouco se tem estudo sobre ele no interior alagoano. Pela importância cultural do hip-hop, que em parte, está relacionado ao âmbito musical da periferia, junto a falta de diálogo acadêmico e em outros meios sociais, este artigo, torna-se de suma importância para historiografia regional.

² Vertente do rap, caracterizada por uma estética diferente de rima, e batidas aceleradas.

³ Em um artigo, Ataíde (2022), define o movimento hip-hop enquanto expressão dos jovens de periferia, indo além, pondera a respeito do que se caracteriza por juventude. Para a Assistente Social Marlene Almeida de Ataíde, a juventude não deve ser entendida unicamente como um fator biológico, sendo meramente, uma fase da vida entre a passagem do período de infância para a vida adulta. Existem particularidades para definir a juventude, submetendo a classe social, condições econômicas, escolaridade e relações entre sujeitos.

Para a presente pesquisa contamos com um acervo bibliográfico mediante livros, artigos, dissertações e teses, além das fontes escritas, fotos e documentários. A escassez de fonte relacionada ao cenário do hip-hop em Delmiro Gouveia, motivou a utilização de História Oral Temática baseado em Meihy e Holanda (2007). Thiollent (1987), justifica opção pela entrevista centrada como técnica de pesquisa, visto que, a observação direta estabelece contato fixado com os indivíduos relacionados ao objeto estudado. Para o processo metodológico nos apropriamos de aparelhos eletrônicos, contando com cinco adeptos entendidos como contribuintes para o cenário do rap em Delmiro Gouveia, chegando até eles por também está inserido na cultura hip-hop.

Enxergamos magnitude em mergulhar em um objeto proscrito como a cultura do rap. Pesquisa como está descrita, torna-se importante para quebrar um paradigma preconceituoso, consistente em associá-lo por conta da sua essência negra, pobre e periférica, a criminalidade. Entretanto, ele em si, tem a capacidade de fornecer poder de discurso para aquele dificilmente ouvido, cabe assim refletir, a relevância de se haver um estilo musical que permite um negro marginalizado, por exemplo, atacar o Palácio do Planalto verbalmente, portanto apenas um microfone.

Hoje muito por conta dos meios de divulgação digitais, através da internet, o rap se propaga por todo país. Na capital ou interior, na favela ou asfalto, “os manos e minas” de cara fechada, boné e camisa larga, fazem do rap um griô urbano, sem romantizar a realidade, exercendo o que afirmou o rapper GOG (2015), “o rap é a nossa 10.639/3 ambulante”, lei que institui o ensino em história Afro-Brasileira nas redes de ensino.

2 A CULTURA HIP-HOP CHEGA AO BRASIL

No Brasil, mediante a ditadura, no final da década de 1970, surgiram os denominados “Bailes Black”, esses festivais eram encontros da “negritude” em pistas de danças improvisadas em algumas localidades do país, segundo o sociólogo João Batista Felix, além do entretenimento ao som de funk, “pudemos perceber que esses espaços são também locais de práticas políticas, pois mediante eles as pessoas constroem suas próprias identidades” (FELIX, 2005, p. 18). O divertimento não era o único intuito dessas festividades, os frequentadores tinham entre si vivências e características físicas semelhantes, deste modo, não eram discriminados por questão social, cor e vestimenta.

O antropólogo Teperman (2015), aponta a importância desses bailes para a chegada do movimento hip-hop ao Brasil, na década de 1980. O reconhecimento do hip-hop enquanto

movimento sociocultural negro, e em razão dessas festividades serem de predominância negra, se fertilizou o cenário para que a juventude que principiava identificar pelo hip-hop, surgido nos EUA, trocassem as primeiras interações sobre a cultura e praticassem os primeiros passos de break.

Segundo Bastos (2008), o break encabeçou a chegada do movimento hip-hop ao Brasil, associado a uma forma significativa de comunicação e interação entre a negritude e a periferia. Teperman (2015), aponta Michael Jackson e filmes norte americanos, como alguns dos responsáveis pela divulgação da dança. Em 1984, o break embalava os brasileiros, se concretizando por encontros na galeria 24 de maio e na Estação São Bento do metrô, ambas em São Paulo. Esses encontros possibilitaram o surgimento dos irmãos grafiteiros Os Gêmeos, o grupo Racionais MCs, o cantor Thaíde e o Dj Hum, todos artistas do hip-hop. Porém, nesse período, a dança não era unanimidade a estimular brasileiros se mexerem, a luta pela redemocratização e o fim da ditadura militar, faziam parte da sociedade civil se mobilizar, como podemos notar:

Terminamos a década de 1980 com uma nova Constituição Republicana, a ditadura civil-militar havia terminado e os grupos de políticos se juntaram para reescrever a nova Carta Magna. Porém, os direitos ali consolidados nos artigos, poucos se fizeram valer aos debaixo. Diferente da esperança que reinava entre aqueles que tiveram seus direitos políticos cassados pela ditadura, os debaixo tiveram de dar continuidade a luta pelo direito de ter direito. (LEAL, 2022, p.82).

No Brasil, o hip-hop apresenta-se como movimento sociocultural de luta pelos direitos políticos na década de 1980, período marcado pelo fim do regime militar e o nascimento da República Nova. “O movimento hip-hop surge no Brasil enquanto uma resposta da juventude pertencente à classe trabalhadora, frente à reconstrução do Estado [...]” (RANGEL; TEODORO e ENORÉ, 2017, p.395).

Felix (2005), mostra que no período da luta pela redemocratização, nomenclatura como rap e hip-hop ao menos eram utilizadas no Brasil. Com forte representatividade negra, o hip-hop fundamentava-se mediante negros de periferia. Segundo Felix (2005), naquele espaço ao que parecia, os jovens propagadores da cultura hip-hop, era desatenta perante as lutas que se desenvolvia no Brasil. Já na década de 1990, o movimento provava ao contrário e a cultura das ruas desencadeava como forma de inclusão e reivindicação social dos menos favorecidos.

Rangel, Teodoro e Enoré (2017), citam a música “Melô do Tagarela”, como primeiro exemplo de rap considerado reivindicatório contra a ditadura nos anos 1980. Conceituando-a como a primeira obra do gênero no Brasil e ressaltando a importância da produção artística ainda no período do regime militar. Leal (2022), analisa a República Nova, surgida também no

pós-ditadura, na década de 1980, a partir das músicas que tratam das vivências dos rappers, destacando ser factível, devido ao fato, desses músicos irem ao sentido oposto das indústrias comerciais e do capitalismo, o cotidiano descortinado nessas letras, não era romantizado, por vez, tratam a visão dos marginalizados de forma clara.

Segundo Teperman (2015), a princípio, o rap no Brasil possuía como seu meio de divulgação as rádios comunitárias. A ressaca da ditadura militar e a elevação dos movimentos sociais fertilizaram o cenário do rap nacional para que as letras tratassem de questões políticas e sociais e raciais.

2.1 Hip-hop: cultura ou movimento

Eu fui a uma festa do movimento negro, dali outros rappers passaram a frequentar também, aí tinha que unir duas coisas que tinham tudo a ver estarem juntas, mas estavam separadas, que era a parte do movimento negro organizado, dos negros que estudavam, sabiam das coisas, mas não tinham acesso a juventude que não sabia, o Racionais tinha acesso a esses jovens aí a coisa começou acontecer. (PEREIRA, 2022).

A citação trata-se de um dos trechos do documentário, exibido na Netflix, do grupo Racionais MCs. O vocalista Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), um dos pioneiros e principais nomes do rap nacional, aborda a importância do hip-hop na marcha contra o racismo nos anos 90. Na opinião do MC, o acesso direto com a periferia e as abordagens sociológicas das músicas, interpretadas com dialetos de fácil compreensão para a negritude e os marginalizados, colaborou na luta contra o racismo e o direito dos negros. O disco Holocausto Urbano lançado pelo próprio Racionais em 1990, por exemplo, torna-se uma evidente denúncia contra o racismo e a situação de exclusão da periferia.

Felix (2005), mostra que a conduta de personalidades do rap, relacionando-se com o movimento negro, é o que conduz o hip-hop, ser enxergado como movimento e não somente cultura. O hip-hop não se delimitou tão somente, ficar na prática do rap, do break e do grafite, torna-se corriqueiros adeptos ao hip-hop se identificarem como movimento negro. Artistas seguindo exemplo de Mano Brown cooperaram para que o hip-hop no Brasil se consolidasse como movimento político e não somente expressão cultural.

O hip-hop enquanto cultura, segundo Bastos (2008), possui a capacidade de reunir sujeitos periféricos por meio de suas ramificações artísticas. Possuindo mais de uma forma de interação, torna-se vasta a viabilidade de ingresso artístico, social, cultural, compreensão e expressão de ideias. Conectando indivíduos mediante troca de informações, o que possibilita

entender, múltiplos fatores sociais da periferia. Concedendo vislumbrar elevação social para quem vivenciam as margens, diz Bastos (2008).

Leal (2022), em sua dissertação de mestrado descreve sobre sua experiência quanto adepto ao hip-hop e integrante do movimento negro, segundo ele, o rap estabeleceu esta conexão. Perante a militância Leal (2022), permitiu-se perceber que a elevação social, não se tratava puramente da única determinação do hip-hop. Familiarizar com histórias de Malcon X, Zumbi dos Palmares, Carlos Marighella, Dandara entre outros nomes do movimento negro, que por vez são frequentemente citados em músicas de rap, possibilitou identificar a sonoridade como resposta as mazelas sociais cotidianas vivenciadas pelos negros.

O chamado rap nacional, então, explodiu pelas ruas e fez do cotidiano seu espaço privilegiado de reflexões. Configurou-se como uma estética do problema e do desejo, em que se narram episódios de violência, de consumo de drogas e da dinâmica social do comércio de drogas lícitas e ilícitas, as péssimas condições de vida nos bairros periféricos e pobres (e o contraste destes com os bairros privilegiados), as condições de miséria e abandono, o acesso precário aos serviços públicos, temas que priorizam o cotidiano e as situações de “marginalização”. As composições traziam mensagem que versam sobre o dia a dia e foi a forma instituída por uns tantos sujeitos para lidar com suas experiências e leituras de mundo numa chave poética/estética. (CAMARGOS, 2008, p.8).

Com os rappers mostrando-se ativos com a política, o rap se expandiu como o elemento de maior autonomia no hip-hop. Félix (2005), citando o exemplo do país norte americano, nos Estados Unidos, quando se referem ao hip-hop, normalmente estão se dirigindo exclusivamente ao rap. No Brasil, a realidade não é distinta disso, sua ascensão comparada aos outros elementos, possibilitou maior visibilidade, sobretudo, por sua característica política.

2.2 O rap e sua posição social

No século XXI, a posse do então presidente Lula em 2003, agitou o rap nacional. Neste período, houve registro de uma icônica foto de vários MCs no Palácio do Planalto junto a Lula, onde o então presidente portava um boné na cabeça escrito hip-hop. O movimento enquanto cultura da classe trabalhadora enxergava possibilidade de mudança no Partido dos Trabalhadores (PT).

Percebe-se embasados na leitura thompsoniana, que os MCs e seus reprodutores buscam em sua experiência, construir o rap enquanto cultura da classe trabalhadora⁴. O rapper Eduardo

⁴ Segundo Thompson (2004. p. 10) “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujo interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”.

Taddeo, um dos principais letristas do rap brasileiro, com suas construções musicais, torna-se exemplo dessa compreensão. Na música Bactéria FC, Eduardo através das rimas narra de forma detalhada os seguintes versos: “Fala pra vaca da sua filha cancelar o ecstasy, não vai rodar a banca com meu som na festa rave, o rap concebido em sampler de sangue, não é trilha pra bisneto de dono da casa grande”. A construção usa de termos do tipo, ecstasy⁵, rave⁶ e casa grande (casa dos grandes proprietários rurais no Brasil colônia), afirmando que desfrutadores de símbolos reacionários e herdeiros de exploradores contrariam as experiências vividas pelos aderentes do rap, nesse caso:

Classe social pode ser entendida como grupo social definido, de um lado, pela quantidade de riqueza apropriada e, de outro, por três dimensões de identidade: temporal, cultural e coletiva. As letras do Racionais atacam a perpetuação da desigualdade, o racismo, a violência policial e outras mazelas da sociedade brasileira. E o fazem assumindo um posicionamento claro numa estrutura de classes, em franca oposição ao que eles próprios entendem como classe dominante. (TEPERMAN, 2015, p.78).

O Racionais citado por Teperman, não se trata de unanimidade ao exercer essas análises sociológicas, torna-se corrente do rap e seus reprodutores, reconhecerem sua posição social. Rappers e grupos musicais fruto dos anos 80 e 90, surgem com discursos sempre alinhados ao pertencimento negro, pobre e periférico. Podemos listar como exemplo, Inquérito, Facção Central, Sabotage, RZO⁷, GOG⁸, A286, MV Bill, Dina Di, Negra Li entre outros.

O hip hop mescla orgulho racial e ódio de classe, isso é, raça e classe aproximam-se na prática artística de um movimento político-cultural de uma juventude desfavorecida socialmente, que é vítima de um preconceito institucionalizado, assim o seu elemento musical, o rap, traz em suas letras tanto a questão étnico-racial como também a questão classista e identidade periférica. (RIBEIRO, 2020).

Ribeiro (2020), estuda as categorias de classe, raça e território, através de um álbum intitulado de A Peste Negra, do grupo o Clã Nordestino. Ribeiro (2020), mediante as 15 músicas, de forte aspecto marxista, que compõe o álbum, analisa as percepções sobre classe propagada pelas letras de rap do grupo, do qual, seus membros expressam a maneira desigual de distribuição da sociedade e sua revolta e indignação quanto a isso, raça também são assuntos presentes nas músicas, sendo possível compreender particularidades de jovens marginalizados,

⁵ Droga sintética que virou febre entre os jovens da alta classe no início do século XXI.

⁶ Festa frequentada por jovens da alta classe, caracterizada por músicas eletrônicas.

⁷ Grupo de rap paulistano: Rapaziada da Zona Oeste.

⁸ Cantor de rap natural de Brasília.

território trata-se da periferia, conjuntura onde vivem esses jovens, e que se torna algo de colossal valor e identidade para adeptos para cultura do rap.

A partir da década de 1980 podemos encontrar movimentos socioculturais de resistência protagonizada pela juventude, como é o caso do movimento hip hop, que mesmo em fase embrionária surge enquanto resposta da juventude resistente nas periferias frente as exigências do capital. Com o fortalecimento do movimento hip hop nos anos 90, o movimento acentua a sua crítica as políticas neoliberais do Estado, adquirindo um forte traço contestador vigente, visto que, através de seus elementos irá questionar principalmente a violência policial nas periferias, o preconceito étnico-racial e de classe, respondendo dessa forma o sistema vigente e os reflexos de crise estrutural do capital no cotidiano da periferia através da arte, por meio da expressão artística da juventude. (RANGEL; TEODORO, e ENORÉ, 2017, p.395).

É usual do hip-hop torna-se ferramenta de luta das minorias, clamando por justiça social, desde seu surgimento. As presenças das nomenclaturas revolução e preferia tão costumeiras nas letras de rap não são por acaso. Para os reprodutores e até os ouvintes, essas músicas de fato, podem revolucionar e impactar de maneira positiva em um indivíduo periférico. Isso porque, as letras têm a capacidade de causar reflexões, referente às questões que empurram a periferia para as margens, combate ao racismo estrutural e prega equidade para justiça igualitária.

3 DELMIRO GOUVEIA NA CENA

O rap é o troco de quem não desiste nem morto, aí seu moço, é ruim de nós entregar o jogo. (Renan, Inquérito).

A cidade de Delmiro Gouveia localizada no interior de Alagoas, segundo os dados estatísticos do IBGE, possui pouco mais de 50 mil habitantes, tornando-se a cidade mais populosa do Alto Sertão Alagoano. Nos primeiros anos do presente século, observamos uma minoria de jovens delmirenses, principiando socializar mediante as ferramentas estimuladoras de práticas corporais, sociais e culturais por intermédio do hip-hop.

Para melhor compreensão dessas práticas, se beneficiamos de entrevistas com cinco indivíduos delmirenses, com o propósito de colher relatos de jovens que compartilharam experiências no tempo e espaço estudado, e são eles: os MCs Anderson de Souza Silva (ADS RAP) e José Willames Tavares de Lima (Dez T), o professor, b-boy e MC Flávio Henrique da Silva (Goku), o skatista e MC Paulo Henrique da Silva (Fino) e a representante feminina Shyanne Lopes Santos.

Com as entrevistas percebemos diversidade a respeito das alternativas de inserção social para população jovem delmirense. Se viabilizando mediante a música, esporte e cultura, nessa

conjuntura, o hip-hop submeteu-se integrar esses modos de introdução. Conveniente destacarmos, vestígios de movimentação cotidiana entre os simpatizantes do rock, do skate e o recém-chegado hip-hop.

Diante disso, é relevante a reflexão, sobre essas interações intermediadas por essas práticas, muita das vezes em locais públicos, entre jovens compreendidos por marginalizados. Na pesquisa de Félix (2005), argumenta-se sobre o relacionamento entre os aderentes ao hip-hop e ao rock, essas aproximações reincidentem desde o processo embrionário do hip-hop no Brasil, segundo o sociólogo esses dois públicos dividiram espaços, nas ruas de São Paulo, ainda na década de 80.

O artigo dos antropólogos Frank Marcon e Mateus de Almeida Neto retratam um contexto cotidiano em uma região mais próxima ao município delmireense. Diante da observação Marcon e Neto (2012), analisam características e particularidades de jovens que interagem e se expõem, através de estilos musicais, das quais, eles se identificam. Dividindo o mesmo espaço, cotidianamente, em uma praça pública de Aracaju (SE), adeptos ao rock, ao hip-hop, ao reggae e ao pagode fazem uso de reproduções que, colaboram para afloramento de suas identidades diante de práticas de lazer e cultura.

O estado de São Paulo e a capital sergipana são exemplos, de que não há singularidade em Delmiro Gouveia na aproximação entre jovens caracterizados por esses estilos. A associação e a marginalização, entre esses grupos juvenis nesses espaços, encontram-se ligadas aos processos sociais e econômicos, da qual empurram esses sujeitos para situação de exclusão.

Iniciando o século XXI, no município delmireense, as juventudes simpatizantes ao hip-hop dispõem de faixa etária de idade aproximada, experiências cotidianas semelhantes e de classe baixa. Dado esses processos, em uma cidade considerada pequena, essas interações tendem a cada vez mais se afunilarem. As introduções nesses grupos transformam-se em formas de superar a invisibilidade, a reclusão social e as diferenças.

Nos pós anos 90, surge uma nova geração de MCs, recebendo destaque os respectivos nomes: Emicida, Marechal, Flora Matos, Cynthia Luz, Rapadura, Coruja BC1 dentre outros. Segundo Terperman (2015), diferentemente dos rappers apresentados no término do século XX, o contato primário desses novos artistas com hip-hop foram as escolas, lanhouses e batalhas de freestyle⁹. Destoando do período caótico da passagem do Estado Civil-Militar para República Nova, os novos MCs se desenvolvem em um novo cenário. As bagagens de trajetória dos veteranos serviram para espelhamento de carreira, escrita musical e estética de rima.

⁹ Duelo de rimas entre MCs, vencendo quem melhor improvisar com as palavras.

Com as entrevistas identificamos que entre os anos de 2005 e 2004, um jovem popularmente conhecido por Goku, principiava ser um dos pioneiros e responsáveis pela proliferação do movimento hip-hop em Delmiro Gouveia. Sendo exemplo que dialoga com Teperman, o primeiro contato de Goku com o hip-hop, ocorreu em um ambiente escolar, segue o depoimento:

Meu primeiro contato foi na Escola Padre Anchieta, no povoado Lagoinha. Não lembro que série estava, mas uma professora levou uma música do Gabriel o Pensador, Pátria que me pariu, para a gente escutar e refletir sobre as desigualdades sociais, só que naquele tempo acho que não tinha na veia a militância, nem sabia dessa variação musical, então meio que passou despercebido, mas achei massa a música, tanto que ficou na minha cabeça. (SILVA, 2022).

Perante os argumentos torna-se plausível, destacar o rap, utilizado como instrumento pedagógico, no início dos anos 2000, em uma localidade marginalizada como povoado interiorano delmirenses. Compostura que remete a reflexão sobre a significância da inserção de uma musicalidade, capaz de contribuir no desenvolvimento crítico de indivíduos ainda em formação.

O modo de acesso da cultura hip-hop em Delmiro Gouveia difere de outras localidades, como aponta Bastos (2008), no estado de São Paulo, o break foi o primeiro elemento da cultura a apresentar-se. No município delmirenses, o rap fruto dos anos 90, encabeçou a chegada do movimento. Enquanto em São Paulo o hip-hop adentrou através da dança, em Delmiro Gouveia ocorreu mediante a música.

E na questão da cena não se tinha nada, jurava que quando eu fosse para cidade teria alguma coisa, por exemplo, quando tinha capoeira uma hora ou outra, ia um professor lá para o povoado dar aula, às vezes parava e ele sumia. Quando fui pra cidade fiquei impressionado porque enquanto lá não tinha, na cidade tinha quatro, cinco grupo de capoeira, no povoado não tinha rock, na cidade se via banda de rock, no povoado que morava não tinha skate, na cidade tinha uma galera skatista, só em passar por lá e ver essa cena, acreditava que também ia ter hip-hop, achava que ia haver uns que cantasse pra mim conhecer mais a cultura, trocar ideia, mostrar umas letras, eu gostava de escrever também, achei que ia ser fácil nesse sentido. (SILVA, 2022).

O desencadeamento do cenário hip-hop delmirenses chegou impulsionado por dois fatores. O primeiro deles foram os diálogos nos ambientes escolares¹⁰ delmirenses, sobretudo, na Escola Estadual Francisca Rosa da Costa, recinto das primeiras apresentações com o rap mediante Goku e seu companheiro de escola Márcio (Mister Brown). O segundo fator deu-se, através da circulação de alguns jovens em eventos de rock. Nesses festivais, vezes ou outra, eram oportunizados tempo e espaço para os jovens Goku, Joadson, Márcio e Léo se

¹⁰ Segundo Fernandes, Martins e Oliveira (2015), esses eventos no âmbito escolar servem como forma estratégica de inclusão social para os discentes.

apresentasse com músicas de rap. Essas apresentações originaram o “Sombra do Sistema”, primeiro grupo de rap delmirenses.

Quando encontrei esses caras, Joadson, a galera aí, começamos a trocar ideias; “Ah eu escrevo umas letras”, o outro, “eu também escrevo, mas nunca botei pra frente”, “eu também não, nunca cantei”, “então vamos tentar fazer alguma coisa”, foi massa porque já se estabeleceu em Delmiro a cena hip-hop através do rap, fiquei feliz pelo reconhecimento, a galera dizia; “Olha o MC Goku ali”, eu era conhecido assim, então era possível dizer que em Delmiro tinha hip-hop, tinha alguém que fazia a cena lá, por mais que fosse uma formiguinha entre a multidão, mas tinha algo acontecendo, no tempo não havia internet para espalhar, era no boca a boca, lembro que uns caras de Canindé ficou sabendo que nós cantávamos, trocamos ideias e CD, tinha contato com uns caras de Paulo Afonso, eles cantavam, mas em Delmiro antes disso não tinha, quando começamos cantar e se apresentar a galera passou a conhecer, a galera passou a ver que Delmiro tinha os caras do rap. (SILVA, 2022).

Silva, A., (2023) salienta:

Eu não lembro muito essa época, mas assim, em Delmiro via o Goku e os meninos fazendo algumas coisas no Francisca Rosa, escola que eles estudavam, via sempre o Márcio, o Goku, não conhecia o Henrique ainda, mas sabia que ele também fazia. A galera era um pouco mais velha, eles têm mais de 30, e eu só tenho 27, eles são um pouco mais velhos. É só questão de idade, mas eu os via cantando, sabia que eles tinham começado tudo. Não me aprofundi muito por questão de idade mesmo eu com 14 e eles um pouco mais velho, eles tinham uns 18,19, as idades não batem. Mas eu achava interessante pela ousadia deles, porque tipo, era loucura naquela época ouvir rap que era tão marginalizado e ver eles cantando daquele jeito, era massa. O que eu acho massa neles é por ser um dos pioneiros [...] (SILVA, A. 2023).

O nome do grupo por si só impacta como algo reivindicatório, se intitulando como a sombra do sistema, fornece entendimento de que, assumiriam posição em ser contratempo das mazelas sociais impostas. O Sombra do Sistema surge com um teor contestador e provocador, simbolizando bem mais que rimas e batidas agressivas.

E aí quando fui morar em Delmiro uns anos depois, comecei a colar com os caras do Rock Holl que já faziam uns movimentos, já tinha banda de Rock fazendo as coisas, e eu já, já do povoado Lagoinha escrevia algumas letras e o Joadson viu, Marcelo viu, e nós ficamos trocando ideias, o Pablo tirava onda, tinha umas rimas muito toscas, e aí surgiu da gente começar a cantar rap, cantava uma hora ou outra, quando os meninos faziam show de rock tirávamos uma letra, quando decidimos então criar o grupo. (SILVA, 2022)

O relacionamento do grupo com movimentos ligados ao rock fundamentou-se na migração de sujeitos para o hip-hop. Em 2008, com uma música denominada de Gladiador, ao afirmarem, “o hip-hop une fortalece a corrente, os pioneiros do rap seguem sempre em frente, com o sangue quente”, se consolidam em encabeçarem a resistência do hip-hop local. O movimento havia chegado ao Brasil a pouco mais de duas décadas, mesmo assim, o grupo surge

destroçando paradigmas de uma cidade interiorana, sendo maioria da população reprodutora de conjunto de normas já enraizadas.

Figura 1 - Grupo Sombra do Sistema em apresentação na Escola Municipal de Educação Básica Vigília Bezerra de Lima - 2008.



Fonte: Flávio Henrique Vieira da Silva (2022).

Com o tempo, outros sujeitos agregaram o Sombra do Sistema, destaque para única mulher presente na figura 1. Refere-se à Talita, pioneira entre as mulheres na cena do rap delmireense. Sua figura é simbólica por dois motivos, o primeiro por ser filha de pai pastor, as linguagens e as expressões corporais do Sombra do Sistema se contrapõem a qualquer apropriação evangélica. O segundo deve-se ao fato de, a essa altura, ser pouco habitual a presença feminina nesses espaços. Baseado em Terperman (2015), apenas em 2010, as mulheres principiaram ganhar espaço, muito em prol de artistas como Flora Matos e Lurdez da Luz.

Relevante observarmos na figura 1, características em tentativa de aproximação estética do estilo gangstar rap dos anos 90. O nome do grupo não era casual, boné, touca e camisa larga são símbolos peculiares desses músicos. O que magnetiza são sujeitos em um espaço que não é considerável núcleo, impondo-se de modo singular, padrões incomuns em relação ao tempo e a cidade.

Acho que independente de ser o hip-hop, ser o rap, toda manifestação artística é válida, acredito que o rap contribuiu pra cidade no sentido de ser uma forma de expressão, um cano de escape pro jovem poder se expressar, não só os jovens, as pessoas que curtem, é uma forma de entender o mundo e se comunicar. Delmiro é um

berço cultural grande, saem muitos artistas, então o rap é mais um instrumento artístico na mão desse pessoal. (SILVA, 2022).

Torna-se significativa a contribuição dos membros do Sombra do Sistema para o hip-hop delmireense. Entre 2005 e 2009, o grupo inseriu a presença feminina na cena do rap, oportunizou visibilidade social para indivíduos entendidos por marginalizados, ingresso artísticos, pluralidade cultural, contribuindo em interação entre a juventude ao longo do consumo e da reprodução. (SILVA, 2022) sendo um reprodutor branco, ao afirmar que o rap se trata de “uma poesia diferenciada, que tem a ver com a cultura afro [...]”, demonstra capacidade em assimilar as origens negras e as necessidades que o rap supre.

Em 2010, o difusor Goku não constava mais no município delmireense, abrindo espaço para as MCs Shayanne, Vanessa e o MC Henrique (Fino) que, em certo momento, compôs o Sombra do Sistema. Essas transições resultaram na extinção do grupo, surgindo o Manifesto Sonoro segundo grupo de rap de Delmiro Gouveia, se configurando com os seguintes integrantes: Joadson, Márcio, Henrique, Vanessa e Shayanne.

Depois de um tempo o Goku foi embora pro Mato Grosso, ficou a responsabilidade de dar continuidade a mim, Henrique, Joadson, o Mister Brown (Márcio) e a Vanessa. O Henrique tinha uma mente muito revolucionária, skatista, underground, anarquista, era dono de umas ideias bacanas. Ele sugeriu trocar o nome do grupo, aí o Sombra do Sistema virou o Manifesto Sonoro. (SANTOS, 2023).

Foi com o Manifesto Sonoro, em 2010, que a cena delmireense chegaria ao ápice da essência do rap, para melhor compreensão, viabiliza destacarmos a mediação ocorrida nesse período entre os públicos do skate e hip-hop. Henrique, efeito dessas interações, compondo o grupo, lançaria no ano recorrente a música Não a Repressão. Através da arte, buscava reivindicar contra políticas municipais de interrupção sofridas pelos adeptos ao skate delmireense. É intrínseco do rap esse posicionamento, mas a música ofendeu membros da prefeitura e da segurança pública municipal, segue os depoimentos:

Aí o Henrique lançou uma música chamada Não a Repressão. Ela falava da Guarda Municipal de Delmiro Gouveia, os meninos skatistas usavam as estruturas da praça para fazerem manobras, a Guarda passou alegar degradação ao patrimônio público, eles chegavam embaçando, inclusive tomava os skates dos meninos. (SANTOS, 2023).

Completa Silva, P., (2023)

Foi algo que a partir dali eu vi que a gente podia ter voz, saca? Pra falar as paradas, até porque falava da repressão contra a galera do skate na cidade. E até hoje não tem pista fixa de skate, isso causou uma revolta tremenda pra geral, e olha que já foi cobrado muito isso e as autoridades não toma uma decisão, era só promessa e não dava em nada. (SILVA, P. 2023).

O MC delmirenses buscou impugnar não apenas o que eles entendiam por repressão, mas também, dispôs voz para uma minoria de sujeitos que se sentiam oprimidos e mais que isso, a repercussão da música no município mostra a amplitude do discurso do marginalizado mediante o rap, mesmo podendo trazer consequências, a seguir um trecho da música Não a Repressão cantada pela depoente, (SANTOS, 2023).

“Procuro meu respeito como todo cidadão/ exijo liberdade digo não a repressão [...]”
 “continuando essa rima lembrei de um velho chato/ que vive lá na praça sempre nos enchendo o saco/ não é coisa nenhuma ainda quer bota moral/ quando ver a galera andado de skate, alô central/ aí lá vem a Guarda para nos incomodar/ o Tony toma a frente e vai logo zuadar/ não tem ninguém bagunçando/ é esse velho safado que vive inventando/ tenha vergonha meu senhor, olha pra sua idade/ deixe de ser mentiroso, fala logo a verdade [...]”. (SANTOS, 2023).

O Manifesto Sonoro protagonizou embates contra políticas municipais que dificultava as práticas ao skate em Delmiro Gouveia. Como corriqueiros nesses casos, buscaram censurar o rap por meio da violência, “Chegou por um amigo, não vou falar o nome dele, eles colocaram meu amigo dentro do camburão da Guarda, botaram meu som em uma caixinha e perguntou quem que era, e o mano falou que não conhecia, negou voz, os caras bateram nele, pressionaram”. (SILVA, P. 2023).

A tentativa de silenciamento por vezes não intimidou o Manifesto Sonoro e ainda em 2010, lançaram duas faixas expressivas para o cenário do rap delmirenses, Político FDP e Vida do Crime. Em um contexto histórico para o hip-hop no município, uma parcela da juventude entendendo-se como reprimidos enxergou no rap uma forma de resposta, vejamos a seguir um trecho da obra Político FDP.

Aí, pra político porco o veredito é esse aqui mano.
 Às vezes eu paro e fico pensando o que pode acontecer comigo.
 Se sigo fazendo meu rap ou quem sabe até virar mais um bandido.
 Às vezes me bate uma revolta com o mundo e fico indignado.
 Com tanta sujeira rolando não vejo justiça, ninguém é culpado.
 Político FDP, vem na minha casa só fazer promessa.
 Vem querer comprar o meu voto por cinquenta conto, não caio mais nessa.
 Quando tú sobe no palanque pra falar besteira me bate uma raiva.
 Se viro bandido a sua cabeça era a primeira que eu estourava.
 Pois tenho nojo de ti, minha vontade é te destruir.

Portanto não vem na minha casa pedir meu voto, não vai conseguir.
 Quando chega tempo de eleição o pobre é sempre bem tratado.
 Quando passa e ele é eleito você não vai passar de mais um otário.
 Pois tudo que ele mais quer, é ficar cada vez mais rico e viajar, comprar mansão.
 E onde fica seus compromissos com a saúde, educação.
 E também com a falta de emprego.
 E outras paradas que sofre nosso povo brasileiro.
 Aqui é sempre assim, e o pobre não se liga que ele só quer dinheiro.
 Não tá nem aí pra sua vida, ele tá é preocupado com o seu filhinho.
 Playboy FDP que vive na balada abanando o rabinho.
 Enquanto ele tá em casa injetando heroína na veia.
 O mano que tava com um simples cigarro já foi parar na cadeia.
 (Manifesto Sonoro – 2010).

O hip-hop delmirenses propagava uma “manifestação através do som”, o rap forneceu munção verbal para que a juventude, baseada na sua percepção social e política, reivindicassem contra aquilo que eles entendiam como fatores proporcionais para as mazelas cotidianas. Com o uso da licença poética, tratam da insatisfação contra desonestidades governamentais, clama por melhores condições de infraestrutura e narra à impunidade da justiça contra aqueles que efetivamente deveriam ser punidos e, por um fator econômico, torna-se intocável para o tribunal.

O papel do rap é justamente isso, debater sobre as questões que estão erradas sobre um determinado espaço, botar tudo em uma letra de forma verbal para poder ser ouvido pelas pessoas e isso conscientiza. Resumido, a ideia da música do Henrique era essa, se ele fosse à prefeitura reclamar, ninguém ia ouvi-lo, com a letra rapidamente foi escutado. O nome do grupo tinha tudo a ver com nossa ideologia, Manifesto Sonoro era uma manifestação através do som, mas era de forma pacífica. Depois dessa letra saiu também o político FDP, na mente dos meninos era só ódio com os políticos da cidade, era muita promessa, diziam ter projeto para pista de skate sair, inclusive existiam boatos que a pista de skate seria depois do hospital, aí fizemos outro som, dessa vez atacando os políticos. E por incrível que pareça, acabei encontrando essa música em Aracaju, comprei um CD de rap alagoano em um carrinho, tinha essa música no meio, veja que gratificante. (SANTOS, 2023).

O “ódio na mente dos meninos” transbordou mediante a música, os versos “quando tó sobe no palanque pra falar besteira me bate uma raiva, se viro bandido a sua cabeça era a primeira que eu estourava”, mostra a indignação com a corrupção e o desprezo político. O

ataque direto contra um suposto político se apresenta não como forma de vingança, mas como justiça social contra aquele que deveria prestar o assistencialismo cabível para sociedade.

O Manifesto Sonoro e o Sombra do Sistema fizeram-se valer das apropriações do hip-hop, sobretudo com o rap, como mostra SILVA (2022), seus integrantes possuíam ligações com movimentos sociais e estudantis delmirenses, o que os colocavam em uma representação para além da musicalidade. Em determinado momento destoam de posicionamento político e reivindicaram com o uso do rap. Decorrendo em serem “visados como os marginais da cidade, os contras, os rebeldes, até porque o rap sempre foi marginalizado por vim da favela, da periferia e isso sempre pesou na sociedade e em Delmiro não foi diferente”, (SANTOS, 2023). Camargos (2008), mostra ser habitual a marginalização do hip-hop por ser uma cultura que discursa em prol daqueles que vivem às margens. E em Delmiro Gouveia esse ângulo não sucedeu de modo diversificado.

Via como um movimento por mais que oprimido de muita força e importância na cena local, onde quem não tinha voz, passou a ter, tinha uma galera inteligente, por mais que a sociedade olhasse para nós e falasse assim, é um bando de louco, estão ali só pra usar droga e álcool, aquilo tudo tinha um pensamento além. Não sei, porque sai daí, mas se fosse contínuo eu acho que tinha gente que ia se dar bem em se envolver. Eu me dei bem, independente de ameaça, o Goku era dos quatro elementos do hip-hop, eu entrei só escrevendo e mandando rima, mas teve evento no ginásio de esporte do Bairro Novo, na feirinha da troca, feira tradicional em Delmiro, teve evento no clube Vicente de Menezes, a gente ganhou um concurso de música com o rap nesse, teve evento no correto e isso atraiu pessoas de fora do movimento, que dizia, também quero participar disso e tal, isso era muito importante. Comecei no Sombra do Sistema que era o grupo do Goku, o Goku foi pro Mato Grosso, e a gente montou o Manifesto Sonoro, depois veio o Realidade Macabra que era a Camila e o Dunga, o Protesto Ativo que era o Mundeira, Vinícius e o Eduardo, veio outros grupos através de nós a movimentação foi forte, mas quando eu sair a parada começou a parar de ir pra frente, eu fiquei puto com isso, deu vontade de voltar e puxar a orelha de cada um, vamos nessa, vamos fazer e tal, a última movimentação de grupo de rap que lembro foi o AD BLEIK, esses manos depois que sai fez um barulho. (SILVA, P. 2023)

O período de maior intensidade do cenário do rap delmirenses foi entre os anos de 2005 e 2011, o declínio na virada da década pode ser relacionado ao desligamento do município de nomes como de Henrique e seu empenho com o hip-hop, Goku e suas habilidades para promoção de eventos, ou como trata o depoente Silva, A., (2023), o cotidiano e as responsabilidades da vida adulta, forçaram os reprodutores que se mantiveram em Delmiro Gouveia, disponibilizar seu tempo unicamente ao mercado de trabalho como meio de sobrevivência, uma vez que, a falta de incentivo e até a questão financeira coopera para o desânimo artístico desses jovens.

Nos depoimentos se fala também sobre “falta de compromisso artístico”, mas ao nos apropriarmos dessa afirmação, passaríamos a exercer um papel que não pertence ao historiador, deste modo, estaríamos julgando o comprometimento desses sujeitos, sem ao menos refletir sobre a conjuntura propícia para diminuição do vigor no cenário delmirense. A moderação nos eventos e manifestações em locais públicos pode estar relacionada ao surgimento de mídias digitais com novas formas de interação desses artistas, a exemplo o Facebook, da qual vivia seu auge no período.

O Sombra do Sistema e o Manifesto Sonoro possuíam como meio de visibilidade lugares como clubes, ginásios, escolas, praças e bares o que valorizam mais a relação humana e o reconhecimento desses sujeitos no município. As plataformas digitais permitiram os novos reprodutores um alcance maior na divulgação de sua arte, mas a procura por like, compartilhamento e visualização virtual desconectam esses artistas do seu próprio lugar de pertencimento, resultando em pouca contribuição para o cenário local, o surgimento do AD BLEIK em 2012, acabou dando continuidade a essa resistente engrenagem.

O que eu acho massa neles é por ser um dos pioneiros, as meninas também, a Shayanne e a Vanessa, foram muito ousadas. Poderiam até ter alcançados outros ares, mas é a questão do cotidiano, cada um seguiu sua vida, uns viajaram, outros tiveram problemas. Mas eles são importantes pra Delmiro e influenciaram, no meu caso influenciou, e com certeza influenciou outras pessoas que chegaram na cena também. (SILVA, A. 2023).

Os jovens moradores do bairro Pedra Velha, filhos de pais operários, e estudantes da sétima série do ensino fundamental Skaitter, Nowidi 19 e Michael adotam uma postura diferente dos considerados pioneiros do rap delmirense. Enquanto os primeiros sujeitos disponibilizavam do rap protestante relativo aos acontecimentos vigorosos das décadas de 80 e 90, o AD BLEIK surge mesclando as duas gerações e com influência de artistas locais.

No começo era brincadeira de escola só para cantar, rimar, fazer alguma coisa, nós tínhamos muita expiração no que rolava na época, tinha Projota, Rashid, Emicida, Racionais e era tudo brincadeira, mas devido o pessoal falar que tínhamos talento, isso era o pessoal que falava, não sabemos se tínhamos mesmo, comentavam, porque vocês não se juntam e fazem alguma coisa. (SILVA, A. 2023).

Segundo Teperman (2015), nesse intervalo as batalhas de Freestyle despontavam no Brasil, artistas como Emicida, fruto das rodas de rimas eram novas referências para quem ingressava no hip-hop. Emicida possuía um gerenciamento de carreira diferente de outros músicos da época, além de desenvolver sua própria produtora, comercializava sua própria marca de boné, agasalho e camisetas. Essa estratégia aproximava o artista de adolescentes que

brincavam por todo país com jogos de palavras com o intuito de mandar rimas melhor que o adversário, dentro dessas circunstâncias, em Delmiro Gouveia surge o AD BLEIK, segue o depoimento:

A gente não tinha nem pretensão, nosso primeiro CD, o Ultrapassando Barreiras, foi totalmente underground, bem caseiro, foi até gravado no banheiro de casa, na época o grupo não era nem tão bom para a rima, mas melhoramos com o tempo, sabíamos o que queríamos, porém não tinha base ainda, com o tempo desenvolvemos, pegamos gosto e tem gente que fala que o AD BLEIK é o grupo mais persistente de Delmiro Gouveia, eu não sei, mas o pessoal fala. (SILVA, A. 2023)

Torna-se importante o compromisso artístico e cultural do AD BLEIK no cenário do rap delmirenses. Sem retorno financeiro mantiveram a engrenagem da resistência local entre 2012 e 2017, por meio dos discos Ultrapassando Barreiras, Dedicção e É “nois” até o fim. No próprio nome do grupo, observamos sentimento de pertencimento negro por parte dos integrantes, as duas últimas letras da expressão “AD BLEIK”, denota “insistência black”. Traduzindo para o português ficaria “insistência negra”, segundo os fundadores do grupo, o reconhecimento negro explícito é proposital, entendendo-se como reprodutores de uma cultura negra.

Em 2016, o AD BLEIK unidos a nomes como o de Fantasma, MC de renome no cenário estadual alagoano, participaria da Batalha de Del City. Evento significativo não somente para cidade de Delmiro Gouveia, mas também, para o alto sertão alagoano. Goku retornaria à cena promovendo a cultura hip-hop mediante batalhas de MCs e b-boys.

Culturalmente falando a Batalha de Del City, trata-se de um marco histórico em Delmiro Gouveia, não sabemos ao certo se é o maior evento de hip-hop regional já realizado, para que possamos afirmar isso, caberiam estudos em outras localidades a respeito dessas festividades. Esse tipo de festival possui a capacidade de agregar positivamente em vários sentidos, além da competitividade, os sujeitos são estimulados a aflorar-se artisticamente mediante a dança. As batalhas de freestyle entre os MCs, exigem um vasto vocabulário da parte de quem pratica essa modalidade, a leitura torna-se algo habitual para aqueles que querem um melhor desempenho.

“[...] não acontecia nada em Delmiro, e Goku chegou com esse evento, o bom do Goku é isso, ele é um cara visionário, ele bota para fazer, eu lembro que no evento do Goku, foi todo custeado do bolso dele, pra você ver como o cara é da cultura mesmo, tirou do bolso e pra mim foi um dos melhores eventos que aconteceu”. (SILVA, A. 2023).

É corriqueiro nas letras dos MCs falarem sobre união, e esses momentos não são superficiais. Distinto de outras reproduções artísticas onde o retorno financeiro é mais considerável que a função social, no hip-hop acontece uma inversão desses valores. Segundo

Ribeiro (2020), o hip-hop diferente de outras culturas, se desenvolveu de modo independente dos meios de comunicação e outras formas de ascensão, que poderiam lucrar com o lado artístico desses sujeitos, porém o lado comunitário neste tipo de festividade torna-se mais importante que qualquer retorno financeiro.

Figura 2 - Arte de divulgação do evento da Batalha de Del City.



Fonte: Flávio Henrique Vieira da Silva (2022)

O evento pode reunir plateias de estados como Bahia, Pernambuco e Alagoas socializando por meio dos elementos do hip-hop. Goku pode ser considerado um grande difusor da cultura em Delmiro Gouveia, sem ajuda pública incentivou o hip-hop de forma venerável, contribuindo artisticamente, socialmente e culturalmente para o povo delmirenses por meio da Batalha de Del City.

Em 2017 o evento novamente ocorreu, mas não na organização de Goku, já em 2018 surge a Batalha da Vila (BDV), essa inteiramente voltada para o freestyle em Delmiro Gouveia.

Figura 3 - MCs rimando na Batalha da Vila.



Fonte: Instagram (2022).

Como mostra Tepeman (2015), normalmente os jovens frequentadores desses festivais possuem uma faixa etária de idade entre quinze e 25 anos de idade, estudantes ou concluintes do ensino médio. Esses MCs delmirenses surgem pela grande quantidade de páginas midiáticas direcionadas para esse público. Em uma plataforma como o Youtube, por exemplo, essas batalhas possuem um número impressionante de visualizações. (LIMA, 2023).

A batalha era aberta ao público, aos sábados, em frente à paróquia Nossa Senhora do Rosário, na Praça da Vila. Embalados pelos gritos da plateia, os MCs se desafiavam com olhares, jogos corporais e rimas. Estes possuíam várias formas de se posicionarem quando estavam se enfrentando, uns preferiam ataques mais cômicos como eles mesmo denotam “o estilo “gastação”, outros adotavam uma postura mais séria e ideológica. Quando o MC ideológico conseguia aproveitar-se dos 30 segundos dado para sua desenvoltura, reproduziam versos que soa como música, e não mera improvisação. A linguagem corporal em grande parte agressiva, tornava-se forma de intimidar o adversário, as rimas não são os únicos fatores que eram observados pelos juízes da batalha, a postura do MC sempre séria e gestual, contabilizava para uma boa exibição. Em um local público e urbano a Batalha da Vila tornou-se uma das últimas reproduções do rap no município delmirense. Sendo ou não o motivador, sua última edição ocorreu próxima da proliferação da Covid-19 no mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura advinda das ruas se torna de imensurável valor para aqueles que se identificam. O além de ser um estilo musical é também uma cultura artística, visto que suas músicas e letras discutem, na maioria das vezes, questões sociais como preconceito, racismo, violência policial, as mazelas políticas, desigualdade social e o genocídio do povo negro periférico.

Em Delmiro Gouveia, observa-se uma resistência consciente, por parte daqueles que entendem o propósito da cultura do Bronx. As adversidades não calaram o sertanejo que queria se posicionar mediante ao hip-hop. Independente de público, quantidade de simpatizantes, falta de incentivo ou apoio, os indivíduos expostos no presente artigo criaram o cenário do hip-hop de maneira grandiosa.

Surpreendentemente foram identificados esboços de resistência do hip-hop em cidades próximas a Delmiro Gouveia. Foram colhidos relatos de presença da cultura advinda das ruas nas cidades de Inhapi e Água Branca AL, Paulo Afonso BA e Canindé de São Francisco SE entre os anos de 2005 e 2019. O rap delmireNSE estendeu as interações estabelecendo conexões com cidades fora do estado alagoano.

Relevante evidenciar que o hip-hop em Delmiro Gouveia destoa de estabilidade. Deve-se a isso, o uso da palavra “resistência” frequentemente, denotando a potência dessas reproduções. Durante todo esse processo de resistência, além de toda retribuição sociocultural, embates envolvendo a segurança pública municipal e combate a repressão, notamos uma pequena parcela da juventude entre altos e baixos do cenário local se apropriando da expressão “rap é compromisso”.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Marlene Almeida de. Expressão culturais das juventude(s) negras periféricas: o movimento hip hop. **AYAEDITORIA**, Paraná, p.106-127. 2022.

BASTOS, Pablo Nobarrete. Contribuições históricas do movimento hip hop para luta contra o racismo e para comunicação da juventude negra e periferia. **Escola de comunicação e artes da Universidade de São Paulo**. São Paulo. p.65-85. 2008.

CAMARGOS, Roberto. Percursos da identidade negra no rap: Música popular e questões raciais no Brasil, 1988-2018. **Latitude**, v.12, n.2. p.7-35. 2019.
<<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/4350>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano**. 2005. 206f. Programa de pós-graduação em antropologia social. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

FERNANDES, Claudia Florindo; MARTINS Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poética musical em sala de aula. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n.64, p. 183-200, 2016. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/119542>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LEAL, Zenildo. **Ensino de História entre rimas e ressignificações: História da República brasileira através do rap**. 2022.143f. Mestrado Profissional em Ensino de História. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo. 2022.

MACEDO, Iolanda. A linguagem musical do rap: expressão local de um fenômeno mundial. **Tempos históricos**. v.15, n.1, p. 261-288. 2011. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/5708>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARCON, Frank; NETO, Mateus Antônio. Juventudes, Lugares e Identidades em Disputa: Estilos de Vida na Pracinha Siqueira. **Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia**. nº 20, p. 176-208. 2012. Disponível em:
<<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/viewFile/868/772>> Acesso em: 23 mar. 2023.

MEIHY, Jose Carlos Sede Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. – 2 Ed. 1ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2011.

RANGEL, Caroline Fernanda; TEODORO, Raul Fernandes; ENORÉ, Max Sanlio. De KoolHerc à racionais mc's: movimento hip-hop e consciência de classe, **Anais do Seminário do ICHS**. p. 389-401. 2017. Disponível em:
<<https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs2017/paper/view/5802/1526>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

RAPOSO, O. **Coreografias da Amizade: estilos de vida e segregação entre os jovens do break dance da Maré (Rio de Janeiro)**. Doutorado em Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa, 2013.

RIBEIRO, Antônio. **200 anos de Karl Marx e os movimentos da classe trabalhadora do lado de cá**. 1ª ed. São Paulo: Luta Anticapital, 2020.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: As transformações do rap no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Claroenigma, 2015.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social enquete operária**. 2.ed. São Paulo: Pólis, 1987. 270p.

THOPSON, Edward. P. **A formação da classe operária inglesa**: A árvore da liberdade. São Paulo: Editora paz e terra. 2004.

FONTES ORAIS

LIMA, José Willames Alves Tavares de. Entrevistado por Fernando de Oliveira dos Santos em 08/03/2023. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SANTOS, Shayanne Lopes. Entrevistada por Fernando de Oliveira dos Santos em 12/03/2023 *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Anderson de Souza. Entrevistado por Fernando de Oliveira dos Santos em 18/11/2022. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Flávio Henrique Vieira. Entrevistado por Fernando de Oliveira dos Santos em 16/11/2022. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Paulo Henrique da. Entrevistado por Fernando de Oliveira dos Santos em 07/03/2023. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

FONTES DIGITAIS

FACÇÃO, Central. O espetáculo do circo dos horrores. São Paulo: Sky Blue, 2006, 1 CD. Disponível em: <<https://music.apple.com/br/album/o-espetaculo-do-circo-dos-horrores/1369457613>>

O RAP PELO RAP/ Documentário sobre hip hop e o rap no Brasil – O rap pelo rap. **Youtube**. 2014. 1h 13m. Disponível em :<<https://youtu.be/Mt7S6YkosPc>>. Acesso em 10 de jun. 2022.

RACIONAIS: das ruas de São Paulo pro mundo. **Netflix**. 2022 116 min. Disponível em:<<https://www.netflix.com.br/title/81082516?preventintent=true>>. Acesso em 25 de dez. 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Flávio Henrique Viana do Silva, CPF 03832818438 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 16/11/2022 e transcrita em 05/02/2023 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Flávio Henrique Viana do Silva

Delmiro Gouveia, 09 de 03 2023

Entrevista elaborada no dia 16/11/2022

Entrevistador: Fernando de Oliveira dos Santos

Entrevistado: Rapper, b-boy e professor Flávio Henrique Vieira da Silva (Goku)

Fernando: Então Goku, primeiro quero saber de você como foi sua primeira com o hip-hop.

Goku: Meu primeiro contato foi na Escola Padre Anchieta, no povoado Lagoinha (Delmiro). Não lembro que série estava, mas uma professora levou uma música do Gabriel o Pensador, Pátria que me pariu (nome da música), pra gente escutar e refletir sobre as desigualdades sociais, só que naquele tempo acho que não tinha na veia a militância, nem sabia dessa variação musical, então meio que passou despercebido, mas achei massa a música, tanto que ficou na minha cabeça, assim... A gente escutou na escola e eu acabei aprendendo a letra, ouvimos até mais que uma vez, mas nem imaginava que era rap, achei que era só uma música que ele fez, com uma forma diferente com uma jogada de rima. E aí acho que muitos anos depois, eu já com meus 14, foi essa faixa de 14, 15 anos que eu escutei na rádio uma música do Racionais, então aí já estava com a consciência um pouquinho mais avançada, estava gostando muito de coisas com rimas, das histórias. O meu tio na época era vaqueiro, escutava muita vaquejada, ficava viajando na levada das rimas, nessa pegada de cordel, poesia, nas músicas de toada que ele ouvia, quando escutei o rap de novo na rádio com Racionais dessa vez, achei louco demais. Eu falei, rapaz! O jeito que esse cara usa as rimas pra meter terror mesmo, pra... Como é que fala? É... Tipo lutar contra as desigualdades, falar sobre as lutas dos negros e aí achei louco demais, um divisor de águas, foi aí que eu comprei o CD, começando a caminhada com o hip-hop, porque não me contentava só escutar, queria também tentar fazer minhas letras, minhas ideias, tentar fazer nessa pegada. Aí que eu vim entender que o hip-hop é o conjunto de quatro elementos, é o DJ, que tinha o grafiti, só que a gente não via nada disso, mas sabia que era a junção dessas coisas. E aí quando fui morar em Delmiro uns anos depois, comecei a colar com os caras do Rock Holl que já faziam uns movimentos, já tinha banda de Rock fazendo as coisas, e eu já, já do povoado lagoinha escrevia algumas letras e o Joadson viu, Marcelo viu, e nós ficamos trocando ideias, o Pablo tirava onda, tinha umas rimas muito toscas, e aí surgiu da gente começar a cantar rap, cantava uma hora ou outra, quando os meninos faziam show de rock tirávamos uma letra, quando decidimos então criar o grupo. A primeira formação acho que era eu e Joadson, a gente sempre foi de começo, ele está na arte até hoje, é tatuador, e não paramos não, tanto que eu vim pra cá e ele ficou aí com o Sombra do Sistema, depois virou o Manifesto

Sonoro, o Sombra do Sistema era eu, Joadson, Márcio (Mister Brown) e o Léo ficou um tempo, cuidando da questão sonora, era nosso DJ responsável por apertar o play e o pause nas músicas, a Talita também filha do pastor cantava com a gente, o Pablo na época também chegou a cantar e depois entrou o fininho o Henrique, o Henrique eu... Eu o vi escrevendo, ele comprou nosso CD, viu a nossa pegada e ele começou escrever também, ele mostrou uma letra que ele tinha feito e eu achei massa, convidei pra entrar para o grupo também, então é um cara que fazia parte. O Márcio também correria estudei com ele dois anos, a gente já trocava ideias sobre rap, por que antes de eu montar o grupo na escola mesmo a gente já tinha feito umas parodias, apresentações com rap, com o hip-hop, antes de fazer o grupo mesmo oficial de cantar rap, então a gente já tinha... Antes de virar grupo eu e o Marcio a gente já trocava algumas ideias.

Fernando: Mas em que ano isso começou?

Goku: O ano acho que foi... Eu comecei morar em Delmiro em 2004 e comecei estudar no Francisca Rosa em 2005, Aí fizemos umas apresentações de rap lá.

Fernando: Nesse período que estive em Delmiro como você consegue observar e descrever a manifestação cultural do rap na cidade?

Goku: Cara, fazendo os cálculos em 2004 e fui morar em Delmiro, a primeira vez que escutei Racionais foi no ano de 2003. Entre 2003 e 2005 eu já estava viajando no rap, em 2005 estudei no Francisca Rosa aí começamos fazer apresentações nas escolas, estudei dois anos no Vigília também. E na questão da cena não se tinha nada, eu jurava que quando eu fosse para cidade teria alguma coisa, por exemplo, quando tinha capoeira uma hora ou outra, ia um professor lá pro povoado dar aula, às vezes parava e ele sumia, quando fui pra cidade fiquei impressionado porque enquanto lá não tinha, na cidade tinha quatro, cinco grupo de capoeira, no povoado não tinha rock, na cidade se via banda de rock, no povoado que morava não tinha skate, na cidade tinha uma galera skatista, só em passar por lá e ver essa cena, acreditava que também ia ter hip-hop, achava que ia haver uns que cantasse pra mim conhecer mais a cultura, trocar ideia, mostrar umas letras, eu gostava de escrever também, achei que ia ser fácil nesse sentido. Mas não tinha, se via uns que ouvia hora ou outra, mas não tinha nada do gênero para dizer que cantava, fazia o movimento, não tinha. Quando encontrei esses caras, Joadson, a galera aí, começamos a trocar ideias; “Ah eu escrevo umas letras”, o outro, “eu também escrevo, mas nunca botei pra frente”, “eu também não, nunca cantei”, “então vamos tentar fazer alguma coisa”, foi massa porque já

se estabeleceu em Delmiro a cena hip-hop através do rap, fiquei feliz pelo reconhecimento, a galera dizia; “Olha o MC Goku ali”, eu era conhecido assim, então era possível dizer que em Delmiro tinha hip-hop, tinha alguém que fazia a cena lá, por mais que fosse uma formiguinha entre a multidão, mas tinha algo acontecendo, no tempo não havia internet para espalhar, era no boca a boca, lembro que uns caras de Canindé ficou sabendo que nós cantávamos, trocamos ideias e CD, tinha contato com uns caras de Paulo Afonso, eles cantavam, mas em Delmiro antes disso não tinha, quando começamos cantar e se apresentar a galera passou a conhecer, a galera passou a ver que Delmiro tinha os caras do rap.

Fernando: É diante disso que quero saber, depois do MC Goku, você chegou ao município e se juntou com Joadson, Henrique e todo esse pessoal como você descreve e analisa a cena?

Goku: Na época tínhamos noção que éramos os pioneiros do rap, tanto que existe uma música que falamos; “Pioneiros do rap, segue sempre em frente, com o sangue quente”. Porque não se tinha, mas não enxergava a imensidão histórica dessa parada, para mim era só algo que a gente gostava, dava as ideias, compartilhava, gostava de cantar, gostava da cultura hip-hop. Quando o trem tava começando andar, um ano antes fizemos um evento massa, uma batalha de b-boy na cidade, tinha vindo outros grupos de rap, estávamos conectados com outras cidades, conhecemos a cena do rap de Aracaju, através do movimento estudantil trouxemos o grupo Mensagem Negra da capital que é referência. E assim, quando sair daí tava em uma pegada massa, tinha tudo pra crescer. Já tinha o hip-hop, o rap com a gente cantado, tinha b-boy na cena disputando campeonato em Paulo Afonso, Água Branca, a cena tinha uma representatividade legal para cultura do rap no município, pessoal com ideias pra grafiti, tanto que depois surgiu Michael grafiteiro, monstro na arte, Joadson é tatuador e desenhista, poderia ir para os muros fazer trabalhos, tinha uma pegada para evoluir não estava decaindo, estava aumentando. As conexões que tínhamos estavam na pegada pra evoluir, quando sair de Delmiro não tinha essa noção, pra mim que estava normal e analisando culturalmente, estava bem representado, havia as conexões e reconhecimento. Eu lembro que um rap nosso ganhou um concurso na Rádio da Pedra, tinha uma letra nossa no ar e essa rádio era pra vários estados não só para o município, eu conheci pessoas de outras cidades e contava que eu tinha feito a música, os caras diziam; “Foi você? Aquela música é massa, gostei de você ter citado minha cidade, valeu não sabia que era você!” E as coisas não pararam não, quando sai expandiu mesmo, notei que tínhamos uma representatividade legal, isso fazia a galera sair da quebrada deles pra observar a gente cantar em outra quebrada, acontecia até treta porque era bairro diferente, mas

tinha maluco que ia. Eu queria ter cantado em outros lugares, Ponto Chique não cantei porque a polícia pegou a gente um dia antes, meu sonho era cantar na Área Verde, compartilhado as músicas, cantei na feirinha do rolo, analisando estava massa e deu uma evoluída.

Fernando: E qual a importância disso tudo para Delmiro na sua visão?

Goku: Cara, acho que independente de ser o hip-hop, ser o rap, toda manifestação artística é válida, acredito que o rap contribuiu para a cidade no sentido de ser uma forma de expressão, um cano de escape pro jovem poder se expressar, não só os jovens, as pessoas que curtem, é uma forma de entender o mundo e se comunicar. Delmiro é um berço cultural grande, saem muitos artistas, então o rap é mais um instrumento artístico na mão dessa galera. Em minha opinião o hip-hop delmirenses contribuiu muito, a cidade para mim é referência, tem gente que estuda, faz várias coisas pra torna-se artista e não chega aos pés de artistas natos que nasceram e se criaram em Delmiro e sem essa necessidade de formação, é só deixar aflorar. O rap que cantei antes pode ter despertado esses artistas depois que viram e se identificaram, ajudamos aflorar esse lado artístico de produção, crítica de expressão, para a cidade foi de valor enorme, uma variedade de expressão artística e cultural que agregou ao município.

Fernando: Legal cara! Goku, quero saber qual é a representatividade do rap para você.

Goku: Cara, o rap pra mim ele representa duas coisas assim meio que de imediato. Sem pensar, o começo, mas antes de tudo uma escola porque acredito que toda minha bagagem cultural, o artista que sou hoje, o professor que eu sou hoje, o profissional que eu sou hoje, ela veio com o rap. Porque quando comecei escutar rap, eu comecei entender, interpretar o texto, escutar o texto, viajar na história, no enredo, na levada da rima, essa noção maior de rima com o rap, noção de se contar uma história, eu trabalho também como contador de história e o rap começou esse trabalho, começou não, aflorou mais, foi uma escola que me possibilitou várias linhas. Foi do rap que conheci o resto da cultura, é o começo de tudo, desde meu entendimento como cidadão, de escola, de pegar esses ensinamentos para vida e vi o quanto é grande a arte por trás da cultura hip-hop, quando comecei curtir o rap eu entendi que aquilo é um manifesto, é uma manifestação contra algo.

Fernando: É contra algo que oprime um determinado grupo de pessoas né?

Goku: É uma poesia diferenciada, que tem a ver com a cultura afro, a cultura do gueto, com pobre e utilizo o rap como ferramenta pedagógica sempre que possível.

Fernando: Agora Goku, descreva como as pautas sociais do rap através da música, contribuem para os seguidores do movimento.

Goku: Cara eu tô tentando pensar aqui... Risos... Uma forma mais simples, porque eu tô com dó de tú... Risos... Como é que você vai absolver essas informações, transcrever certinho.

Fernando: Risos... Tem problema não, solta o verbo.

Goku: Assim tipo... Como contribui véi? Desde o surgimento do rap, o hip-hop, ele surgiu como forma de manifesto, é uma crítica em forma de arte, tem rap que é mais arte do que crítica, mas todos eles são críticos, todos eles têm esse trabalho social grande e a contribuição que ele deixa pra comunidade é essa aprendizagem de rua mesmo, tudo que eles falam é aprendizagem. Às vezes o cara está lá numa situação que está massa né? Aí escutando uma letra, o cara dando uma ideia real, assim papo reto, cara isso aqui não está certo! Já parou pra analisar isso, isso e isso? Já parou pra analisar por que é que no nosso bairro não tem saneamento básico e no bairro de fulano ali é asfaltado tem saneamento básico, é tudo bonitinho, tú já parou pra analisar isso? Ele faz esse papel desde seu surgimento de fazer a comunidade do hip-hop pensar, raciocinar, entender, aprender por vivências dos outros, sem a pessoa passar por aquilo para aprender, então é nesse sentido que o rap contribui. Ele faz com que a comunidade busque o melhor não fique na mesmice, por mais que tenha letras de rap que mete terror, que o cara assaltou, no final sempre se dá mal, tem sempre uma aspa. Então tudo isso pra dizer, siga seu caminho certo bicho, o errado é massa, mas ele é curto, tem hora que o bicho pega. É nessa questão de informar mesmo a comunidade de mostrar o que está certo e o que não está.

Fernando: Risos... E às vezes pra gente ele funciona como manual né?

Goku: É... Ele fala você tem que ser melhor, mas como ser melhor se você está pelo menos 500 anos atrasado, tipo isso. Ah vá estudar! Mas como você vai estudar, ser doutor, se sua família inteira até seus avós é analfabetos? Então ele sabe que a gente tem que correr atrás, mas também sabe que não é fácil. Então faz com que a gente corra atrás e entenda o nosso redor, questione

as coisas, igual eu falei, pensar, analisar, refletir, ver as injustiças, não sei se conseguir passar certinho. Tem uma música que eu acho massa que diz assim; “Não faço rap pra maluco rebolar, meu som é pra pensar, pra ladrão raciocinar”, e o rap é isso véi.

Fernando: Risos... Eduardo, eu conheço, esse trecho que você citou é umas das que eu mais gosto do Facção Central.

Fernando: Você deu uma pincelada boa na próxima pergunta com essa resposta, eu quero saber de você como o rap se posiciona politicamente, através do seu discurso.

Goku: O rap tem essa função de ser pelo social, fazer esse trabalho que às vezes igrejas não fazem, que ação social não fez, que a escola não faz, forma cidadão pra vida, cidadãos conscientes que entenda o porquê daquilo e corra atrás de seus direitos. Às vezes os erros e os problemas estão ocultos e pra uma pessoa normal passa despercebido, o rap faz essa função, esse amparo religioso, também está presente nas letras esse assistencialismo de apoiar. Ao pé da letra mesmo a cultura hip-hop se envolvendo com partidos políticos é de grande valia porque se a gente falar essas coisas e na prática não atuar, nesse sentido está errado. Tipo, se eu acredito, se eu faço parte de uma sociedade que tem regras, tem sistema e nesse sistema eu tenho que escolher alguém pra representar meus ideais e meu ponto de vista, lógico que vou apoiar essa pessoa. Então quando o hip-hop se envolve em questões políticas pra eleger alguém, eu acho isso aí muito válido. Eu lembro que uma vez, eu fazia parte do Coletivo Libertário Delmirense (COLIDE) e a gente tava com uma preocupação em não virar massa de manobra pra uns politiquinhos, tivemos que criar uma chapa, concorrer a presidência do movimento estudantil e ganhar para que umas pessoas de uma linha totalmente contrária da nossa não assumisse esse ponto. Diziam; “Acho que o rap não tem que se envolver com essas coisas”, eu acho que tem sim, a gente tem que está metendo as caras mesmo, tanto que na última eleição, meu nome saiu como pré-candidato a vereador, uma pessoa me procurou. Achei interessante, um pessoal que tem umas ideias para melhorar o município, depois eu pensei que pra mim seria melhor não dessa vez, prefiro está num trabalho de formiguinha, então preferir apoiar uma pessoa lutando pela mesma causa que eu e acabou que ele perdeu. Sou totalmente a favor que o hip-hop alcance seus espaços, seja na política, que um artista do rap vire sei lá, um vereador, um senador porque aí sim, como ele já tem a base, sabe do que precisa e do que não precisa, tem que tomar as rédeas do poder mesmo e ir pra frente.

Fernando: Ok! Não está no roteiro, mas fiquei curioso em lhe fazer mais uns questionamentos. Posso fazer?

Goku: Claro, manda aí... Risos...

Fernando: Você lembra alguém que manifestou o hip-hop reproduzindo o movimento, antes de você em Delmiro?

Goku: Eu tomei conhecimento de que antes da gente cantar rap, tinha um cara em Delmiro que escrevia umas letras. Mas ele nunca chegou levantar o movimento, a cantar, montar grupo, juntar a galera, ir a evento, fazer evento na cidade, ele tinha essa pegada de escrever. E aí ele acabou indo embora de Delmiro para Suíça, era o Ruan, ele era da Coab e aí quando a gente começou cantar rap em Delmiro eu tomei esse conhecimento, a gente acabou encontrando esse cara quando ele veio de passagem aqui por Delmiro, veio visitar uns tempos, aí cheguei a conhecer ele, trocar figurinha, lá na Suíça ele continuou escrevendo, mandando uns tramos. E tenho conhecimento também que existiam em Delmiro aqueles bailes, as danceterias, que os caras iam, faziam passinho junto, aí um ou outro fazia um passinho de break. Mas não tinha conhecimento que era o break dance de hoje, uns passinhos meio que misturado, então não dava pra bater no peito e dizer que era hip-hop, mas nessas danceterias tinha uns caras que fazia algumas coisas.

Fernando: Eu queria que você falasse também sobre o evento de hip-hop que você fez em 2016.

Goku: Então, sobre o evento, aqui já tinha feito alguns, eu sempre tentei difundir a cultura, tanto que eu sou conhecido, fala de hip-hop a galera se lembra de mim, graças a Deus. Eu tava pra descer de férias para Delmiro eu pensei, a galera lá está meia parada, precisando de um gás, de um estímulo pra evento, eu tava ligado que tinha uns carinhas dançando, uns querendo parar, tinha uma galera cantando também, aí eu falei; “Vamos fazer uma parada lá pra dá uma instigada na molecada pra eles não parar”, então daqui do Mato Grosso eu articulei. Quando eu morava em Delmiro não tinha contato com os caras de Maceió, com ninguém, só os cara de Paulo Afonso e Água Branca, daqui mesmo entrei em contato, pela internet a gente tem contato com todo mundo, então entrei em contato com uns b-boys de Maceió, uns cara bons como jurados, eles confiaram em mim, porque do nada o cara ligar dizendo que está querendo fazer um evento na cidade e querendo que venham como jurados. Foi isso, com a cara e a coragem,

os troféus confeccionados a mão, artesanal mesmo, na madeira, pintado a mão. O dinheiro da premiação eu tirei do meu bolso, acho que uns cem, cento e pouco e com dinheiro das inscrições tive que colocar mais, acho que foi trezentão primeiro lugar, passagem de jurados tirei do meu bolso, veio dois de Maceió, alimentação dos caras, passagem. Eu falei, vou fazer mano! Graças a Deus tenho uma codiçãozinha, trabalho com o hip-hop e nada mais justo investir nessa área, retribuir e incentivar ainda mais a cultura hip-hop, mostrar ser possível fazer os eventos, difundir a cultura sem precisar de muita coisa, sem precisar ir à porta de prefeitura pedindo apoio, isso e aquilo, um som médio ou pequeno hoje em dia quase todo mundo tem em casa, põem o sonzão para bater, jurados, premiação simbólica e fazer acontecer. Foi um evento massa, deu muita gente, deu problema que apesar de tudo isso que eu fiz, cheguei na cidade, a prefeitura não precisava contribuir com nada só autorização de usar a praça e foi um burocracia tão grande que quase desanima, passei uma semana correndo atrás, ia na igreja, mandava ir na prefeitura, ia na prefeitura mandava conversar com o pessoal da igreja, a igreja mandava falar com a polícia, a polícia mandava falar com não sei quem, aí teve uma hora que dei uma de doido, já chegava nos cantos dizendo, fulano já aprovou, só falta você, aí o cara; “Pra mim, então está aprovado”, fala com ciclano, eu chegava dizendo que já tinham aprovado, mas eu conseguir autorização por escrito, mandei ofício pra todo mundo e o evento aconteceu.

Fernando: Teve batalha de rima também né?

Goku: Teve, teve apresentação de rap também, show com os caras, o Márcio mesmo arrumou o som pra gente, desenrolou as paradas. Foi o som dele que bateu lá se não me engano, os caras do rap fortaleceu também, disse quando fiz o convite, não, vamos sim véi! Vamos fazer. Conheci os meninos da Pedra Velha que canta rap, o AD Bleik, Fantasma já tinha escutado o som dele, ele estava morando em Delmiro nessa época, foi massa, evento pra ficar pra história.

Fernando: Pô cara, muito bacana valeu o esforço. Tem uma história de vocês sobre um evento no Bom Sossego, parece que a polícia bateu em vocês, é verdade? Como foi?

Goku: Fui, era a festinha dos concluintes da oitava série dos alunos do Bom Sossego e teve esse evento na associação dos moradores, minha esposa é do bairro e eu morava no centro. Quem ia tocar lá era o DJ Tiago, ele conhecia a gente do rap e nos convidou pra cantar lá também, foi eu e Joadson, me recordo que o Henrique trabalhava de vigia, tinha que pegar o turno, então não ficou muito lá, o Márcio também estava, saiu mais cedo. A gente foi representar o rap, eu

tinha uma máquina digital que consegui em uma troca com Joadson, no meio da nossa apresentação a polícia chegou, acho que eram umas dez, onze horas, chegaram bravos com o coordenador do evento, acho que era o presidente da associação dos moradores, eles chegaram bem na hora da nossa apresentação, olhou na nossa cara, mandou parar a música e falou pro organizador que o evento não tinha autorização pra acontecer e mandou parar logo. Mesmo assim conseguiram um acordo pra prolongar o evento e a festa continuou, teve DJ, ficamos porque íamos cantar novamente no final e ficamos curtindo, se me engano deu uma treta lá dentro, os caras começaram se estranhar, não foi nada demais, o segurança soltou spray de pimenta, aí acabou a festa e no meio disso a polícia chega. Quando chegaram começaram pressionar o presidente da associação, eles estavam violentos, agredindo, jogou o cara na parede, foi tenso, eu pensei; “Quer saber de uma? Vou tirar uma foto disso aí”, eu estava desmontando os aparelhos, aí bati a foto, quando bati a foto parecia filme de zumbi, acabei esquecendo de desligar o flash, daí quando bateu os seis policiais que estavam em cima do cara olharam pra mim e vieram pra cima, não lembro se deram um tapa na minha cara, um empurrão no peito e tomaram a câmera ou se tomaram a câmera, um tapa na cara, e um empurrão no peito, mas fizeram essas três coisas, não lembro a ordem, e falaram; “Sua máquina está apreendida, tirando foto de polícia?” Eu falei; “Não, eu não tirei foto não”, eles disseram; “Vá amanhã, buscar sozinho no batalhão”, Aí eu disse; “Oxe, eu vou mesmo e vou sozinho”, mas o tapa doeu, eles saíram e acabou a festa. Aí eu e Joadson descemos do Bom Sossego para o centro, quando estávamos passando do primeiro sinal do centro, tinha um carro parado na faixa de pedestre, e os caras do carro estavam conversando com uma menina no meio fio, era playboy se achando, nós passamos arrudiando, quando íamos passando o motorista deu uma acelerada como se fosse passar por cima da gente, nós já estávamos com o sangue quente, já tinha levado tapa da polícia, eu e Joadson nos olhamos e falamos; “Ei, vai passar por cima mesmo é?” Eles falaram; “Fica aí na frente pra você ver”, nós ficamos, o cara acelerou o carro ainda bateu na canela, eu tinha deixado os toca discos na minha sacolinha, estava só um abajur usado para iluminar a aparelhagem, quando ele jogou o carro pra cima da gente, peguei o abajur e estourei o capô do carro dele, quando dei a bancada eles saíram e disseram; “Olha o que você fez no meu carro”, eu fiquei me empurrando com o que estava dirigindo e Joadson se enrolou no tapa com outro lá, era dois caras no carro, teve uma hora que eles entraram pra dentro do carro, ficamos cismados e Joadson falou; “Corre... Corre”, a gente saiu correndo, pegamos uns becos, cortamos caminho, aí paramos na rua perto do batalhão por trás da igreja, perto de casa já, quando chegamos ali o carro fechou a gente, não tinha pra onde correr, quando os caras ia descer do carro, a gente não tinha como correr, nem dar as costas, aí a Pelopes encostou, era os

policiais que foram no evento, jogou nos quatro na parede e falou; “Vagabundo, fazendo bagunça quatro da manhã”, a princípio era todo mundo vagabundo, teve um policial que olhou para um dos outros dois e falou; “Aquele ali é filho de fulano”, o pai dele era um cara influente na cidade, era filho de Generino dono de uns mercados grandes do Bom Sossego, o cara escutou soltou a mão da parede e falou; “Olha seu policial o que esses vagabundos fizeram no meu carro, a gente tava tomando uma ali, que não sei o que” e os caras do carro estavam alcoolizados, nesse tempo era lei seca, podia nem pegar cheirando a cerveja que era cadeia, o policial questionou que não podia beber e dirigir, ele disseram; “Foi só um pouquinho, olha o que esses vagabundos fizeram no meu carro”, o policial perguntou quem tinha sido, ele apontou pra mim, quando o policial olhou pra mim disse; “Olha o cantorzinho de rap aqui, o fotografo”, não escutei mais nada, levei um tapão no ouvido, fiquei surdo por semanas, tapa na orelha, nas costelas, a pior coisa é você estar com a mão na parede e não poder virar pra descontar, eu apanhei, rasgaram minha roupa, deram uma chave de braço, quase arrancam meu braço quando abriram o camburão pra colocar a gente dentro, levaram a gente pro batalhão, chegando lá acordaram um cara, acho que era chefe deles, a gente dentro da viatura, ele falando um monte, gritando, chamando a gente de vagabundo, Joadson calado, eu era mais peitudo dizia; “Sou vagabundo não senhor, me formei esse ano”, tinha terminado, acho que eu que foi 2008, eles batiam na minha cara mandando eu dizer que era vagabundo, eu dizia que era estudante, e eles bateram até eu afirmar que era vagabundo, eles olharam pra Joadson e falaram; “E Você?”, e Joadson; “Sou vagabundo também senhor”, e eu pensando que ia dormir no batalhão e que eles iam arrancar nossa couro, pegar nossa beca, estava bonitão estilo rapper mesmo, calça folgada, tênis de skatista novinho, branquinho, mas não, levaram a gente pra casa, morava com minha mãe, minha duas irmã e minha prima, chegaram na rua ligaram a sirene, acordaram os vizinhos, mãe com problema de nervos quase desmaia, desceram e disseram; “Seu filho vagabundo aí, usando droga, bebendo”, falei; “Senhor não bebo e não fumo”, eles disseram; “Mas tava com que usa, esses cantores de rap aí os Racionais morreram todos e vocês catando as músicas deles”, eu falei; “Não senhor, não morreu ninguém não”, e os caras da briga do carro atrás falaram; “E meu carro?”, eles pegaram a máquina contra minha vontade e deram pra eles, eu disse que não e que queria a câmera, que não tinha nada a ver, eles que queriam jogar o carro na gente e nós tínhamos revidado, e ele entregou a câmera, eu falei que queria ela e que ia buscar, aí me largaram em casa, e acho que soltaram Joadson na Coab, foi esse nosso passeio de camburão, mas passei uns dois dias inchado, fiquei um tempo em casa pra poder desinchar das pancadas, mas depois fui no mercado de Genarino atrás da minha câmera, discutir com eles, chamaram a polícia de novo, eu tive muita raiva, raiva do cara, da polícia, de ser pobre, nunca

tinha tido raiva de ser pobre, nesse dia sentir, estava os quatro vagabundos na parede e por ele ser filho de fulano, pesou pra nós, porque os caras estavam alcoolizados, jogaram o carro na gente do nada no centro, a polícia do mesmo jeito, abusando do poder, porque estavam batendo no presidente da associação, e eu fui registrar e foi isso, no outro dia a gente ia cantar em um barzinho no ponto chique, tinha desenrolado, tinha os cartazes pra divulgar, não deu pra ir.

Fernando: Que bronca.

Goku: Passei apanhado meu irmão, levei tapa de polícia e passei de camburão, mas não me julgue mal, seja no centro oeste ou no nordeste pra polícia quem canta rap tem ficha criminal.

Fernando: E esse som? Você fez pro acontecimento? Tem ele ainda?

Goku: É, tenho não véi.

Fernando: Então obrigado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Anderson de Souza Silva, CPF 125.475.164-54 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 18/11/2022 e transcrita em 20/11/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Anderson de Souza Silva

Delmiro Gouveia/AL, 10 de março de 2023.

Entrevista elaborada dia 18/11/2022

Entrevistador: Fernando de Oliveira dos Santos

Entrevistado: Rapper, Anderson de Souza Silva (Bilú) ou (ADS RAP)

Fernando: Primeiro eu queria saber seu nome, porque vejo as pessoas te chamando de Bilú e me adaptei chamando dessa forma, não sei nem se você gosta do apelido e queria saber o que é AD BLEIK, vi o Goku falar, se é seu nome artístico, ou um grupo.

Anderson: Verdade... Risos... As pessoas sempre me perguntam isso, meu nome mesmo é Anderson de Souza Silva. O AD BLEIK é um grupo de rap, criado aqui no José Bezerra, aqui na Pedra Velha mesmo, ele foi criado em 2012, no dia 15 de fevereiro, é um grupo, não é uma pessoa, cada letra significa uma palavra, AD BLEIK: Alagoas, dedicação, Brasil, liberdade, expressão, insistência, black esse é o significado do nome, é um significado meio diferente, mas que as letras são cada uma dessas palavras. A galera me conhece como ADS RAP, abreviei para o nome não ficar muito grande. No começo era brincadeira de escola só para cantar, rimar, fazer alguma coisa, nós tínhamos muita expiração no que rolava na época, tinha Projota, Rashid, Emicida, Racionais e era tudo brincadeira, mas devido o pessoal falar que tínhamos talento, isso era o pessoal que falava, não sabemos se tínhamos mesmo, comentavam, porque vocês não se juntam e fazem alguma coisa. A gente não tinha nem pretensão, nosso primeiro CD, o Ultrapassando Barreiras, foi totalmente underground, bem caseiro, foi até gravado no banheiro de casa, na época o grupo não era nem tão bom pra rima, mas melhoramos com o tempo, sabíamos o que queríamos, porém não tinha base ainda, com o tempo desenvolvemos, pegamos gosto e tem gente que fala que o AD BLEIK é o grupo mais persistente de Delmiro Gouveia, eu não sei, mas o pessoal fala.

Fernando: Sim, Mas se o AD BLEIK é um grupo tem mais pessoas, quem são?

Anderson: No começo era eu ADS, o Breno e o Isaias que passou fazer rap também, o chamam de Novid 19, é o vulgo dele no rap, aí no começo a gente fazia música, tinha também o Michel ele já era do hip-hop tinha uma visibilidade, ele andou muito com a gente naquela época, aí no começo era eu no vocal junto com o Breno, o Isaias era tipo nosso compositor fazia as letras das músicas, no caso eu usei bastante música dele, já o Michel a gente queria fazer dele o DJ, ficou um tempo como DJ da gente.

Fernando: Ah, entendi, o AD BLEIK está ativo?

Anderson: No momento a gente não está fazendo nada, o último trabalho que a gente fez foi o EP Premio, que foi em 2019. Mas antes disso a gente lançou o CD Dedicção, novamente gravado em um banheiro, mas com as produções melhores, o Breno ficou melhor nisso, minha rima evoluiu mais, Isaías na composição cresceu bastante.

Fernando: Legal, agora quero que me fale como foi seu primeiro contato com o hip-hop.

Anderson: Meu primeiro contato com o hip-hop foi em 2004, graças ao Magníficos. Aí você deve está se perguntando, porque a banda Magníficos? É porque foi assim, meu tio tinha um CD dessa banda, naquela época o pessoal trocava muito CD. Teve um cara que chegou de São Paulo com um de rap e queria trocar com ele porque ele não tinha da banda Magníficos, foi o que influenciou trocar, ele foi o primeiro que escutei na minha vida, a primeira música dele era até Dia de Visita do Realidade Cruel. Todo mundo fica pensando, como assim? Você não começou escutando Racionais? Não, eu nem sabia o que era Racionais, o primeiro foi o Realidade Cruel, nesse CD tinha Ndnaldinho, MV Bill, Pregador Luo, tinha outros que não lembro direito, acho que tinha uns nove anos por aí, não lembro direito, só vim conhecer Racionais em 2006, aí sim foi a coisa que mudou na minha vida.

Fernando: Como foi?

Anderson: Eu tava em São Paulo aí tinha uma rádio chamada, acho que é Jovem Pan, e passava muito hip-hop, aí um dia escutei aquela música Da ponte pra cá do Racionais, mas não sabia quem era que estava cantando, só sei que a música me contagiou de um jeito, cara, não sei explicar, aí falei caramba! Vêi, quem faz esse som louco? Causou um impacto, um temor, mas uma energia boa, uns dois anos depois já tinha as influências do Racionais, só que ainda não era muito do rap ainda. Em 2008, 2009 por aí, foi que fui me aprofundar mais ainda em grupos de rap até de São Paulo mesmo, às vezes muita molecada hoje nem conhece tá ligado? Conexão do Morro, 509-E, A286, O facção, cara, muito grupo de rap, o Trilha Sonora do Gueto, tinha muita coisa, tinha o Face da Morte, DDS, GOG, RZO. Pô vêi, o rap me influenciou assim, só que tipo, eu escutava muito, não cantava, tanto é que meu primeiro garrancho que eu fiz em 2010, eu nem conhecia ninguém eu já tinha visto o Márcio cantando Negro Drama, mas eu não

conhecia o Márcio, eu o via cantando com o Goku, a Shayenne, Vanessa, o Henrique, vi Michel das antigas, só que eu era moleque e era outra parada.

Fernando: Isso em Delmiro?

Anderson: Foi.

Fernando: Seu primeiro contato foi em Delmiro, né?

Anderson: Foi, foi em Delmiro.

Fernando: Ah, então você teve contato com o rap e depois foi para São Paulo, não foi isso?

Anderson: Isso mesmo, a gente morava em favela.

Fernando: Que favela?

Anderson: Paraisópolis, zona sul.

Fernando: Que ano?

Anderson: Foi em 2006, em 2008 vim para cá.

Fernando: Você começou cantar em 2009 e seu último trabalho foi em 2019 nesses dez anos, como você observava a manifestação do rap no município?

Anderson: Eu comecei a fazer rap em 2012 mesmo, quando começou o AD BLEIK, em 2009 por aí eu só fazia uns rascunhos, mas sem pretensão nenhuma, era tipo um ouvinte, um degustado. Eu não lembro muito essa época, mas assim, em Delmiro eu via o Goku e os meninos fazendo algumas coisas no Francisca Rosa, escola que eles estudavam, via sempre o Márcio, o Goku, não conhecia o Henrique ainda, mas sabia que ele também fazia. A galera era um pouco mais velha eles têm mais de 30 eu só tenho 27, eles são um pouco mais velhos. É só questão de idade, mas eu os via cantando, sabia que eles tinham começado tudo. Não me aprofundei muito por questão de idade mesmo eu com 14 e eles um pouco mais velho, eles tinham uns 18,19 as

idades não batem. Mas eu achava interessante pela ousadia deles, porque tipo era loucura, naquela época ouvir rap que era tão marginalizado e ver eles cantado daquele jeito, era massa. O que eu acho massa neles é por ser um dos pioneiros as meninas também, a Shayanne e a Vanessa, foram muito ousadas. Poderiam até ter alcançados outros ares, mas é a questão do cotidiano, cada um seguiu sua vida, uns viajaram, outros tiveram problemas. Mas eles são importantes pra Delmiro e influenciaram, no meu caso influenciou, e com certeza influenciou outras pessoas que chegaram na cena também.

Fernando: Legal! Conte o que o rap representa para você.

Anderson: Cara, o rap para mim é minha identidade, minha cultura, minha ideologia, meu desenvolvimento como ser humano, foi graças ao hip-hop, o rap. Acho que tipo, o rap salvou minha vida, eu era um jovem que não ligava muito pra certas coisas, poderia ser um jovem problemático, não sei como seria meu futuro sem o rap, e ele me ensinou os valores, a humildade, ensinou que mesmo a gente sendo de periferia, mesmo que a sociedade olhe de uma forma diferente, me ensinou ter respeito por tudo. O rap me ensinou valores e sem o rap eu não sei do meu futuro, rap é tudo para mim, minha identidade, sem o rap não teria esse pensamento social de empatia com o outro. O rap é a válvula de escape pro jovem, o rap hoje é até profissão, eu vejo muitos jovens vivendo de sua arte, do rap, e não tem nada mais gratificante que isso, jovens que poderiam estar com futuro obscuro, no mundo das drogas, podia estar assaltando, se prostituindo, fazendo coisa errado, mas não, está no rap aprendendo e agregando valores pra outras gerações, o hip-hop é isso, é respeito, é tipo uma religião, é uma filosofia.

Fernando: Entendo, agora quero que você me descreva como as pautas sociais do rap, através da música, contribui para os seguidores do movimento.

Anderson: Cara, contribui porque o rap é o grito dos excluídos, tem muita luta ainda, mais o lado racial e social o rap passou visão para a periferia. Por que não temos as mesmas oportunidades? É uma forma de quem está no movimento se comunicar, passar mensagem pra ajudar de alguma forma seja do lado racial, tem a pauta do racismo, das drogas.

Fernando: Ele não só coloca esse porque, ele responde também, você aí preto de favela, você acha que está nessa situação por quê? Por conta disso daqui, ela dá e responde o porquê.

Anderson: Verdade, o rap também contribuiu muito porque o sistema queria que a gente de periferia se matasse, até hoje é isso, só que o rap contribuiu pra que a gente tivesse um pouco de inteligência e visse que isso era o que o sistema queria. Fez com que a gente olhasse para o outro e falasse cara, somos iguais, por que estamos se matando? O rap agregou muito isso. Quando a gente se matava antigamente, porque os menos favorecidos viviam se matando, o sistema adorava isso. Mas a partir do momento que a gente adquiriu esse conhecimento, essa capacidade de pensar fora da casinha, o sistema se ligou, e o rap contribuiu nisso.

Fernando: Verdade Bilú, agora me fale como você enxerga o posicionamento político do rap através de seus discursos.

Anderson: Eu acho que o rap tem um papel fundamental na política, porque o rap já nasceu disso, do protesto, já foi mais fechado antigamente, até hoje muitas pessoas da cultura do rap fala que política não se envolve com o rap, eu já penso totalmente ao contrário, acho a política essencial porque se você ignorar, fica muito mais vulnerável ao sistema que vai te manipular e você não vai nem saber como, já viu aquele ditado lá? Que o inimigo é bom perto porque você vai está de olho nele? Mesma coisa com a política e o rap, a política tem que ficar perto do rap porque a gente está vendo o inimigo, não vamos ficar vulnerável.

Fernando: ok, pra finalizar quero que me fale sobre uns eventos que aconteceram em Delmiro, primeiro a batalha de Delcity, organizada pelo Goku, depois sobre a batalha da vila, que soube que você já participou.

Anderson: Foram muito importantes esses eventos, não acontecia nada em Delmiro e Goku chegou com esse evento, o bom do Goku é isso, ele é um cara visionário, ele bota pra fazer, eu lembro que no evento do Goku, foi todo custeado do bolso dele, pra você ver como o cara é da cultura mesmo, tirou do bolso e pra mim foi um dos melhores eventos que aconteceu. Na batalha da vila, dos meninos, coleí bem no comecinho, não tinha muita coisa não, era só a ideia e ânimo, às vezes tinha quatro MCs, eu e Emibê, e os meninos assistindo, mas foi se popularizando, e tinha o hype desse negócio de internet, as batalhas tava no auge, e em Delmiro tinha que ter, o pessoal abraçou, foi bom, poderia ter acontecido muito mais, mas é a questão do cotidiano, mas revelou muitas pessoas.

Fernando: Em que ano essa batalha começou?

Anderson: Não lembro bem, mas acho que foi de 2017 pra 2018. Acho que o auge foi quando truxemos os meninos de Paulo Afonso. Teve um momento importante, foi um evento que teve no Inhapi, os meninos alugaram uma van, acho que foi dez conto, tinha dança, hip-hop, muita coisa e muita gente envolvida. Muito bom, o pessoal de Delmiro se reuniu para ir proInhapi batalhar e dançar. E o que me deixou orgulhoso nesses eventos, foi a união e a vontade de fazer acontecer, sem nenhum patrocínio os meninos colocavam o maior empenho. Eram muitos sonho, tinha gente que queria viver disso.

Fernando: Acabou, Obrigado!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Paulo Henrique da Silva, CPF 770.027.7594-40 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 07/03/2023 e transcrita 09/03/2023 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Paulo Henrique da Silva

Delmiro Gouveia/AL, 15 de novembro de 2023.

Entrevista elaborada dia 07/03/2023

Entrevistador: Fernando de Oliveira dos Santos

Entrevistado: Skatista e Rapper Paulo Henrique da Silva (Fino)

Fernando: Como foi seu primeiro contato com o hip-hop?

Henrique: Mano, o primeiro, o primeiro de todos mesmo foi em 97, eu tinha sete anos de idade. Eu fui com meu tio na casa de um amigo dele, foi a primeira vez que ouvia uma música e me chamou atenção, era do CD Sobrevivendo no inferno do Racionais, eu cheguei na casa do amigo dele e eles botaram uma fita cassete pra tocar e foi a primeira vez. Eu olhei assim, essa música é da hora, esse estilo é legal! Daí pra frente eu comecei ouvir, ouvir, ouvir, ouvir e daí dez anos depois, em 2007, eu consegui escrever minha primeira letra que se chama Não a Repressão, eu já estava iniciando meu contato com a rapaziada do skate e essa letra veio através de uma revolta pela repressão sofrida pela Guarda Municipal, não sei nem se pode está citando, mas aconteceu e tem prova disso o Mundeira sabe, o Rinaldo sabe, o Igor sabe, todo coletivo COLIDE que agora já é outra parada mais avançada todos souberam desse fato e tal, veio a informação que por conta dessa primeira música minha, os caras ficaram bravos e estavam me procurando, botaram um amigo meu dentro da viatura e pressionaram ele, foi todo um B.O logo na primeira música.

Fernando: Mas você tem esse som?

Henrique: Não tenho mano, o Joadson pode ter. Aí foi uma algo que a partir dali eu vi que a gente podia ter voz, saca? Pra falar as paradas, até porque falava da repressão contra a galera do skate na cidade. E até hoje não tem pista fixa de skate, isso causou uma revolta tremenda pra geral e olha que já foi cobrado muito isso e as autoridades não toma uma decisão, é só promessa e não dava em nada.

Fernando: Mas, quando você começou a ver manifestação do rap em Delmiro? A resistência do hip-hop.

Henrique: Foi a partir do Goku.

Fernando: Que ano?

Henrique: Acho que foi 2008, 2009 foi antes de eu ir pro Mato Grosso em 2011, foi por aí, se não me engano. Eu via o Goku, ele tinha um grupo mais ou menos formado, era ele o Léo e o Joadson era os três, e o Márcio. Aí a partir disso, me chamaram pra um ensaio na casa deles, chegando lá eu via aquilo, mostrei essa letra minha, que comentei, ele gostou, dali comecei escrever as minhas e andar com eles.

Fernando: E o que o rap representa pra você?

Henrique: Mano, hoje o rap representa uma força, tanto pra mim quanto pra quem está por perto, saca? Pessoas que sabe o que faço e ver qual que é meu posicionamento em relação à sociedade, em relação a role, amizade, alegria, tristeza, vários sentimentos que se fosse só pra falar, eu não conseguiria, o rap me trouxe isso. Eu consigo escrever, me concentrar melhor, colocar minha ideia pra rapaziada, olhar, absorver, elogiar ou criticar. Isso é a força que me faz continuar, é uma parada assim, uma vez a mais de dez anos falaram pra mim, pra você fazer uma coisa sem ser remunerado, tem que amar muito, saca? Sempre trabalhei muito e meu tempo livre é pra isso, às vezes estou no trabalho pensando em uma rima e penso, posso transformar isso em música!

Fernando: É um estilo de vida né? Vai além de uma cultura, uma musicalidade.

Henrique: É... O rap serve pra você falar o que se vive, tentar abrir os olhos das pessoas, por coisas que às vezes passa despercebido e se não tiver alguém para falar mano, a pessoa não vai evoluir, a pessoa não vai se entender no meio da sociedade que vive é todo um processo mano. O rap é o grito dos excluídos, nós andamos na rua a polícia e a população olha torto...

Fernando: Em Delmiro você passava por essas situações?

Henrique: Sim mano, em Delmiro tomei alguns enquadros, invadiram minha casa, reviraram tudo e não acharam coisa nenhuma. É preconceito, ou sei lá, pode ser denúncia de algum vizinho. Em Delmiro rolou uma repressão de início por conta da música Não a repressão.

Fernando: A música em si, fala sobre o que?

Henrique: A música falava sobre a situação da galera do skate na cidade.

Fernando: Vocês vinham sofrendo repressão e o rap foi uma forma de repulsa?

Henrique: Foi uma resposta, porque não era só eu que passava por aquilo, era a galera toda do Skate. E como que os caras queriam ficar com essa repressão pro nosso lado?

Fernando: A repressão era causada pela segurança pública de Delmiro Gouveia?

Henrique: Isso, pela segurança pública e tem muitos manos que são prova disso.

Fernando: O rap foi uma forma de tentar combater essa repressão?

Henrique: E tentar alertar, na música chamei eles de otário e falei coisas que as vezes comigo eu não gostaria. Mas era o que tava acontecendo, desde sempre procurei contar a realidade e isso afetou o sistema, com pouco tempo sai fora pro Mato Grosso, até pra dá uma respirada.

Fernando: Ah, então você saiu de Delmiro por conta dessa música?

Henrique: Também, tinha o lado da família de mandar procurar emprego, ter uma profissão. Tentei varias coisas, mas nada me satisfaz como o rap, foram as duas coisas, Delmiro é pequeno a qualquer momento podiam me pegar.

Fernando: Mas aí chegou algum recado até vocês por parte deles?

Henrique: Chegou, chegou por um amigo, não vou falar o nome dele, eles colocaram meu amigo dentro do camburão da Guarda, botaram meu som em uma caixinha e perguntou quem que era, e o mano falou que não conhecia, negou voz, os caras bateram nele, pressionaram.

Fernando: Você lembra o ano?

Henrique: Acho que foi 2010, 2009 pra 2010 no máximo. Meu amigo me contou no outro dia, falou mano toma cuidado, a Guarda está atrás de ti.

Fernando: Mas, você percebeu alguma mudança em relação à repressão que vocês vinham sofrendo depois que a música foi pras ruas?

Henrique: Não, pra mim foi quase uma ameaça, eu falei para minha família, meu pai colaborou, falou, vai lá viaja, dá um tempo respira depois você volta, minha mão ficou naquela, olha aí o que você arranja com esses rap, eu só queria me expressar falar o que penso sobre o que estávamos vivendo.

Fernando: Que bronca! Hoje sei que você não estar em Delmiro, mas como você observava a manifestação cultural do hip-hop em Delmiro?

Henrique: Via como um movimento por mais que oprimido de muita força e importância na cena local, onde quem não tinha voz, passou a ter, tinha uma galera inteligente, por mais que a sociedade olhasse para nós e falasse assim, é um bando de louco, estão ali só pra usar droga e álcool aquilo tudo tinha um pensamento além. Eu não sei, porque eu sai daí, mas se fosse continuo eu acho que tinha gente que ia se dá bem em se envolver. Eu me dei bem, independente de ameaça, o Goku era dos quatro elementos do hip-hop, eu entrei só escrevendo e mandando rima, mas teve evento no ginásio de esporte do Bairro Novo, na feirinha do troca, feira tradicional em Delmiro, teve evento no clube Vicente de Menezes, a gente ganhou um concurso de música com o rap nesse, teve evento no correto e isso atraiu pessoas de fora do movimento, que dizia, também quero participar disso e tal, isso era muito importante. Eu comecei no Sombra do Sistema que era o grupo do Goku, o Goku foi pro Mato Grosso, e a gente montou o Manifesto Sonoro, depois veio o Realidade Macabra que era a Camila e o dunga, o Protesto Ativo que era o Mundeira, Vinícius e o Eduardo, veio outros grupos através de nós a movimentação foi forte, mas quando eu sair a parada começou a parar de ir pra frente, eu fiquei puto com isso, deu vontade de voltar e puxar na orelha de cada um, vamo nessa, vamo fazer e tal, a última movimentação de grupo de rap que lembro foi o AD Blaik, esses manos depois que eu sai fez um barulho.

Fernando: O Henrique, antes da pandemia acontecia umas batalhas de rima na praça, não sei se você ficou sabendo, mas tinha até antes da pandemia, tem o Instagram da batalha, depois da pandemia parou.

Henrique: Pô legal, não sabia.

Fernando: E como você ver as pautas sociais abordadas no rap para os seguidores do movimento.

Henrique: Mano, têm músicas que é despertar de consciência, pra ajudar mais pessoas, o rap não é só estar no palco tem o lado social que é muito importante. As pautas sociais têm que ser mantida e preservada, o lado da informação com a música, o que trazemos de vivência e aprendizagem tem que ser passado pras pessoas para elas começarem a ver isso mano, as coisas realmente acontece e o sistema é falho.

Fernando: Como o rap contribui para isso?

Henrique: É o trabalho, a música saca? A ideia de poder resgatar. Mano a pauta é revolucionar! Mostrar muita coisa que o pessoal ainda não viu, só que com cuidado porque se for bater de frente mesmo pode ser perigos os caras olham pra nós diferente e estão esperando um pequeno motivo pra acabar com nós, só que não vão conseguir né mano? O nosso social é esse está gravando, escrevendo, trocando ideia.

Fernando: E como você percebe o rap se posicionando politicamente através desses discursos?

Henrique: Eu vejo como uma resistência que é mantida ainda, por mais que esteja explanado na internet, está rolando mais evento e tal, só que ainda é uma resistência e que pra muita gente ainda é inaceitável como, por exemplo, eu tenho um som que fala da Marielle, do Evaldo, falo de uma galera aí que sofreu da cena do rio, eu penso, pô vamos tentar ter uma visão nacional, não só ao nosso redor sobre a parada. E o espelho pra isso é a galera lá de trás o Racionais, Facção Central, Trilha sonora do gueto, Realidade Cruel.

Fernando: Você percebia a galera do rap de Delmiro se posicionando através da música?

Henrique: O mundeira sim com o Protesto Ativo, o Rinaldo e o Igor através das bandas.

Fernando: Eles usavam as músicas como forma de repulsa?

Henrique: Sim, não só em música, mas em manifestações também. Tinha o COLIDE a galera se reunia pra falar sobre questões de saúde, segurança.

Fernando: Mas o COLIDE é composto pela galera do rap?

Henrique: Era uma mistura, era na casa do professor Wedson as reuniões, tinha a galera do skate, das bandas de rock e do rap, era essa união para falar sobre essas pautas de saúde, segurança, educação, saneamento básico sobre a cidade.

Fernando: E qual foi sua importância para o cenário do rap e Delmiro?

Henrique: Mano, a minha contribuição foi maior depois que o Flávio o Goku saiu de Delmiro, eu consegui comprar uma caixa amplificadora, comprar um microfone, alugar uma casinha e trazer essa galera lá pra dentro. Depois que o Goku que era o cara que puxava a frente dos eventos, dos ensaios eu puxei essa galera e conseguimos durante uma fase botar pra frente, tocar em alguns lugares, botar gente nova pra tocar com a gente acho que minha contribuição foi essa.

Fernando: É isso, Obrigado!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH/ C) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, José Willames Alves Tavares de Lima, CPF 136.933.194-05 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 08/03/2023 e transcrita em 10/03/2023 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH/ C) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Delmiro Gouveia/AL, 10 de março de 2023

Entrevista elaborada dia 08/03/2023

Entrevistador: Fernando de Oliveira dos Santos

Entrevistado: Rapper, José Willames Alves Tavares de Lima

Fernando: Eu quero que você me fale como foi seu primeiro contato com o hip-hop.

Dez T: Rapaz, aqui na cidade, na região na verdade, tirando Maceió, você sabe que o hip-hop não é muito olhado, só que aí meu primo ele já curtia Racionais, Marcelo D2, aí quando pivete, com oito anos, comecei ouvir e fui gostando, esses foram meus primeiros contatos com o rap.

Fernando: Em que ano isso começou?

Dez T: 2008.

Fernando: Seu primeiro contato como o hip-hop foi com o rap né?

Dez T: Assim de batalha? Porque também sou Mc de batalha rolou a batalha aqui na época de 2014 a 2018 eu acho.

Fernando: Mas quem era o organizador dessa batalha?

Dez T: Era eu, kikinho o Butowisk, Erik, e Antônio Malta.

Fernando: 2014 já rolavam batalhas entre vocês?

Dez T: Rolava brincadeira, depois foi começando levar a sério, começamos a se encontrar todo sábado, juntava uma galera massa.

Fernando: Em 2016 rolou um evento aqui que foi o Goku que fez você tem conhecimento disso?

Dez T: Lembro, eu frequentei, teve os b-boys que vieram do Inhapi, Paulo Afonso.

Fernando: Foi a batalha de Del city.

Dez T: Isso, inclusive o primeiro nome da batalha de Delmiro foi esse, depois virou batalha da vila.

Fernando: E o que o rap representa pra você?

Dez T: Rapaz, o rap já me tirou de várias, já entrei em depressão, e o rap pra mim hoje é tudo, por enquanto não me dá o retorno financeiro que quero, mas psicologicamente ajuda muito, teve uma época que não conseguia conversar com ninguém, e meu dialogo era o rap, a música, ficava sozinho sentado escrevendo e isso me fez se identificar mais com o rap.

Fernando: Seu primeiro contato com o rap foi em 2008, como você observa a manifestação do hip-hop em Delmiro Gouveia de 2009 a 2020?

Dez T: Rapaz, com o tempo foi mudando, porque no início querendo ou não era mais burocrático, no começo era uma cultura mais fechada pra tudo, tanto que na época que os meninos começaram dançar break na praça a polícia embaçava, com o tempo foi ficando mais tranquilo de 2018 para 2020, até pela proporção do hip-hop no mundo inteiro.

Fernando: Agora fale sobre a batalha da vila.

Dez T: Rapaz, da batalha tenho saudade, ela começou do nada a gente observava a batalha do Tanque, do Rio de Janeiro, o Oroch os caras, e isso inspirou começamos rimar pra brincar, depois a gente levou a sério, começou em 2016, rolou até 2019 por aí.

Fernando: E como funcionava?

Dez T: Tinha o grupo da organização e tinha o grupo da batalha todo mundo que quisesse participar entrava, kikinho levava microfone e som para o correto da praça, e quando não dava levava uma caixinha normal fazia a lista dos MCs, divulgava no Instagram. Terminou acabando por falta de compromisso artistico, colocavam nome na lista e não iam, não colocavam o nome na lista chegavam e queriam participar, aí começaram parar de ir, e sem MC não tem batalha.

Fernando: E qual a sua contribuição e da batalha pra Delmiro Gouveia?

Dez T: Ficou pra história, se você observar são poucas as coisas relacionadas ao hip-hop aqui, a batalha era pra todo mundo todas, e minha importância era por ser um dos organizadores e incentivar a galera rimar, inclusive comecei gravar música e até hoje eu estou aí, tentando a sorte.

Fernando: Entendi, obrigado!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Shyanne Lopes dos Santos, CPF 06407894476 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 12/03/2023 e transcrita em 14/03/2023 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Delmiro Gouveia/AL, 15 de março de 2023

Entrevista elaborada dia 12/03/2023

Entrevistador: Fernando de Oliveira dos Santos

Entrevistada: Shyanne Lopes dos Santos

Fernando: Descreva seu primeiro contato com o hip-hop.

Shyanne: Meu primeiro contato com o hip-hop em Delmiro Gouveia foi quando começou aparecer os primeiros b-boys, era uns meninos da Pedra Velha Michel, Yure e o Carlão. O Goku acho que foi o pioneiro de verdade em Delmiro Gouveia, trouxe esse movimento todinho pra cidade, ele me ensinou a história do hip-hop todinha, fiquei muito encantada. Delmiro uma cidade tão pacata e pequena, estava começando aparecer gente descolada, eu já acompanhava o hip-hop através de clipe, aqueles americanos, e sempre viajei no estilo deles, sempre achei muito lindo, me chamava muito atenção, quando começou aparecer aí em Delmiro, eu endoidei, já queria fazer amizade, conhecer os meninos, aprender fazer a dança, os movimentos e assim fui me aprofundando aos pouquinhos.

Fernando: Tá, mas você lembra o ano que você começou a ver?

Shyanne: Lembro sim, foi em 2009, tinha uns 15 anos de idade. Ah, desbloqueei uma memória muito massa. Minha vizinha da rua, minha melhor amiga a kel, ela escutava Racionais pra arrumar a casa, eu sempre ia pra casa dela e comecei a gostar também das músicas, e a kel começou a curtir por conta do irmão dela que curtia, um foi passando para o outro.

Fernando: Desde seu primeiro contato até sua saída da cidade, como você consegue descrever o cenário do rap em Delmiro Gouveia?

Shyanne: Então, quem me influenciou pra esse movimento mesmo, foi Goku, na época ele era skatista, b-boy, MC, DJ, inclusive tinha todas as aparelhagens, cheio de talento. O grupo de rap dele na época era o Sombra do Sistema, formando por ele, Henrique, Joadson e o Mister Brown, quatro homens e não havia nenhuma mulher até porque na cidade nenhuma menina se interessava, tudo patricinha. Quando fiz amizade com o Goku fui convidada pra assistir um ensaio do Sombra do Sistema, acabei indo com mais duas amigas a kel e a Vanessa. Depois disso já comecei ficar viajando, ele ficava me incentivando pra cantar, mas tinha vergonha, com

o tempo perdi a vergonha e comecei tirar um som. Depois de um tempo o Goku foi embora pro Mato Grosso, ficou a responsabilidade de dar responsabilidade a mim, Henrique, Joadson, o Mister Brown (Márcio) e a Vanessa. O Henrique tinha uma mente muito revolucionária skatista, underground, anarquista, era dono de umas ideias bacanas. Ele sugeriu trocar o nome do grupo aí o Sombra do Sistema virou o Manifesto Sonoro. Aí o Henrique lançou uma música chamada Não a Repressão. Ela falava da guarda municipal de Delmiro Gouveia, os meninos skatistas usavam as estruturas da praça para fazerem manobras, a Guarda passou alegar degradação ao patrimônio público, eles chegavam embaçando inclusive tomava os skates dos meninos. Nós éramos visados como os marginais da cidade, os contras, os rebeldes, até porque o rap sempre foi marginalizado por vim da favela, da periferia e isso sempre pesou na sociedade e em Delmiro não foi diferente. Mas continuamos, quinta feira era sagrada por ter ensaio do Manifesto Sonoro na casa do Henrique, nos eventos de rock a galera chamava o grupo pra cantar, nas festas no Clube Vicente era época boa. Com o tempo a gente foi crescendo, a responsabilidade começou apertar, o Henrique viajou pro Mato Grosso, Joadson sempre foi tatuador e o Márcio era vigilante. Henrique era o cabeça, depois que viajou o grupo enfraqueceu, os ensaios foram parando, também tive que procurar um rumo acabei indo embora pra Aracaju. Porém, já tínhamos plantado a semente, quando cantávamos em lugares em Delmiro tinha a molecada que via e gostava, perguntavam como era as coisas, já fizemos conexão com uns manos de Paulo Afonso – BA, Maceió e São Miguel dos Campos também. A velha geração saiu, mas a semente ficou plantada pra nos geração, que eram os guris que curtiam nosso som, do skate, dos b-boys, cresceram e deram continuidade. E resumindo sempre teve a galera que abraçava o movimento, ma também existia os críticos. Quem crítica é por falta de conhecimento, não conhece a coisa, e eu por ser mulher era mais criticada, diziam; “uma menina dessa, tão bonitinha, andando e se vestindo que nem marginal, deve está usando droga”, e sempre mantive minha postura, nunca dei ouvido pra isso, fiz minha parte, o que queria era expor minhas ideias, eram muito homem no movimento, difícil ver mulher, queria fazer diferente e mostrar que mulher podia também cantar rap.

Fernando: Nesse acontecimento do Henrique envolvendo a Guarda Municipal, consegue descrever melhor como foi esse acontecimento? A repercussão e o que dizia a letra?

Shayanne: Lembro, os guardas de Delmiro ficaram bravos com a gente, quando nos encontrava na rua de dentro da viatura ficavam encarando a galera. Deu uma repercussão boa principalmente com o pessoal da prefeitura. E depois foi que houve repressão mesmo, tudo

virou motivo de picuinha com os meninos do skate. Estou tentando lembrar o início da música, têm muitos anos isso, faz tempo que não ousa é difícil lembrar... Mas o refrão é forte e é assim; “Procuro meu respeito como todo cidadão, exijo liberdade digo não a repressão [...]” “continuando essa rima lembrei de um velho chato, que vive lá na praça sempre nos enchendo o saco, não é coisa nenhuma ainda quer bota moral, quando ver a galera andando de skate alô central, aí lá vem a Guarda para nos incomodar, o Tony toma a frente e vai logo zuadar, não tem ninguém bagunçando é esse velho safado que vive inventando, tenha vergonha meu senhor, olha só pra sua idade deixe de ser mentiroso, fala logo a verdade [...]”. A gente chegou gravar CD, porque fomos para um evento de Rap em São Miguel dos Campos, elaboramos o CD, pra divulgar nosso trabalho e vender lá também, o Joadson deve ter a letra guardada. Sei que essa música foi uma afronta pra segurança pública da cidade, se tornou um grito de liberdade pra galera que não aguentava mais ser reprimida por eles, os meninos não podiam andar de skate em lugar nenhum, foi um ato de resistência, em todos os lugares que os meninos iam colocavam pra tocar, davam apoio, de um lado era crítica, do outro aquela força pra incentivar a caminhada. Virou combustível pra continuar no rap e fazer a diferença contra esse sistema político e corrupto e repressivo.

Fernando: Como a Guarda Municipal reprimia? Batiam, mandavam parar, como era isso?

Shayanne: Sobre bater não me lembro de nenhum relato, mas chegavam mandado parar de andar de skate alegando degradação ao patrimônio público e tomavam os skates aí começava a confusão. O Tony citado na música além de skatista, na época se não me engano, fazia faculdade de direito, virou o advogado da galera toando a frente. Desculpa sair do contexto, nosso foco é o rap, mas não posso deixar de falar da galera do skate, está tudo envolvido, era uma mistura, havia uma conexão, até porque os meninos do rap andavam de skate também.

Fernando: Pode falar, isso é um contexto histórico pro hip-hop em Delmiro Gouveia. A juventude estava se sentindo reprimido, observe a forma de tentar responder com o rap, veja a importância do discurso do rap.

Shayanne: O papel do rap é justamente isso, debater sobre as questões que estão erradas sobre um determinado espaço, botar tudo em uma letra de forma verbal para poder ser ouvido pelas pessoas e isso conscientiza. Resumido a ideia da música do Henrique foi era essa, se ele fosse à prefeitura reclamar, ninguém ia ouvi-lo, com a letra rapidamente foi escutado. O nome do

grupo tinha tudo a ver com nossa ideologia, Manifesto Sonoro era uma manifestação através do som, mas era de forma pacífica. Depois dessa letra saiu também o político FDP, na mente dos meninos era só ódio com os políticos da cidade, era muita promessa, diziam ter projeto pra pista de skate sair, inclusive existiam boatos que a pista de skate seria depois do hospital, aí fizemos outro som, dessa vez atacando os políticos. E por incrível que pareça, acabei encontrando essa música em Aracaju, comprei um CD de rap alagoano em um carrinho, tinha essa música no meio, veja que gratificante.

Fernando: Esse som aí em que ano vocês fizeram? E quem canta? E houve repercussão em Delmiro com essa música?

Shayanne: A galera quando escutava essa música ficava louca, nos ensaios do Manifesto Sonoro a galera comparecia em peso, a caso do Henrique ficava cheia. E quando cantávamos em algum lugar, faziam questão de ir pra frente do palco pra cantar com a gente, era muito massa esse tempo, traz saudade.

Fernando: Em que ano vocês fizeram a música?

Shayanne: 2010, nela cantamos eu e o Henrique. Tem outra que canta eu, Henrique e Joadson, essa tocou o coração da galera também, o nome é Vida do Crime, vou te mandara a música. A música Vida do Crime virou capa do nosso CD, esse divulgamos em São José dos Campos, o evento evoluiu vários grupos de rap de Alagoas, geral curtiu nosso som.

Fernando: E como foi representar Delmiro nesse evento?

Shayanne: Esse evento foi um sono realizado, fizemos amizade com pessoas de Maceió, São Miguel dos Campos, do interior. Eu não tinha noção da força do rap em Alagoas, até então só se ouvia MC de São Paulo e Rio de Janeiro, mas fazendo parte desse evento percebemos o crescimento do rap em Alagoas e só impulsionou a continuar, foi gratificante representar o interior que vivíamos. E também havia pessoas que não conhecia nossa cidade, depois do evento passaram ter conhecimento. Existia um blog na época que era de um cara de Maceió, o PH, que inclusive depois montou um estúdio chamado QG dos Manos, ele foi um dos pioneiros em Alagoas, estava dando uma força pra galera pra gravar um som lá, ele criou esse blog chamando

Rap alagoano e toda vez que um grupo alagoano lançava música ele divulgava, com isso nosso som ficou até mais conhecido.

Fernando: Sei quem é o PH. Em que ano foi o evento?

Shayanne: 2010.

Fernando: Quais eram as pessoas que compunha o Manifesto Sonoro?

Shayanne: Henrique, Joadson, Mister Brown, Vanessa e Shayenne criado em 2010, no início do ano. Nós fazíamos músicas de protesto, manifestação e relatos de vivências de pessoas referidas.

Fernando: Tá, relatos de vivências sofridas, então no caso são vivências de vocês ou coisas que eram presenciadas, quais eram os tipos de relatos sofridos presenciados em Delmiro Gouveia?

Shayanne: Em Delmiro se via repressão como a galera do skate, falta de oportunidade, desemprego, tipo um cara que não conseguia emprego na cidade, entrava pra criminalidade para se sustentar a família. Tinha a galera das Carabeirinhas, Ponto Chique pessoas que não tinham acesso a saneamento básico, alimentação e educação, nossas letras eram pautadas nisso. Na música Político FDP eu abordo essas coisas, por exemplo, se via famílias com várias crianças em casa, e elas só se alimentavam quando ia pra escola, em casa não tinha o que comer ou uma roupa pra vestir. Íamos visitar umas famílias em um projeto da escola, presenciei isso no Ponto Chique. Tinham várias letras nesse sentido que não chegamos a gravar, infelizmente. Eu tinha um música que não gravei que conta minha trajetória de quando eu era criança até eu conhecer o rap, não consigo lembrar da música toda por ser grande.

Fernando: Depois que você conheceu o rap mudou o que na sua vida?

Shayanne: O rap abriu minha mente, passei ser mais maleável até então era uma pessoa preconceituosa, isso até pela minha criação, minha família era rigorosa. Me ensinou respeitar as diversidades, aprendi ser mais humilde, até por conviver com outras pessoas e ver a realidade delas, entendi o que motiva algumas pessoas entrar pra vida do crime, só tenho agradecer ao rap, acredito está viva primeiramente a Deus e depois ao rap. Me possibilitou ver o mundo de

uma forma diferente, se não é o rap na minha vida, não teria a malandragem para vivência que tenho hoje. Morro em um bairro de classe baixa, violento do modo que as letras de rap relatam se não fossem esses ensinamentos não saberia dançar conforme a música, sempre tive muita fé, disposição e pra isso o rap me motiva. Antes de conhecer o rap eu era fragilizada e depois das musicas agressivas dos gangstar rap passei ser mais empoderada, aprendi me impor, debater, defender minha ideologia de vida, ser guerreira e batalhar no dia a dia.

Fernando: Me fala sobre a importância desse movimento em Delmiro Gouveia.

Shayanne: Isso tudo mostra que as pessoas não são obrigadas a seguir um padrão de vida, podemos ser diferentes, pode andar de skate, dança break, cantar rap e se ver coisas erradas pode soltar o ver nas letras para fazerem outras pessoas refletirem, o rap possibilitou muitas pessoas se impor em Delmiro Gouveia. Tirando por mim, diziam que menina não podia usar boné, eu usava aba reta virado pra trás, não podia usar calça folgada, eu usava, não podia participar de grupinho com menino, eu participava, quebrei essas correntes. As priminhas de Henrique iam para os ensaios porque se esperavam em mim e na Vanessa, viam a gente cantando rap e passaram a cantar também.

Fernando: Risos... É, o Henrique me disse isso. Me diga a sua contribuição pra tudo isso.

Shayanne: Foi mostrar que mulher não é só beleza, não somos sexo frágil, podemos estar onde queremos, não somos só dona de casa, temos que ser respeitadas, independentemente do modo de viver, somos força e sabedoria, podemos ser livres e lutar por nossos ideais e condições de vida, independente daqueles que julgam por falta de conhecimento e empatia.

Fernando: O que o rap representa pra você?

Shayanne: Pra mim é revolução, atitude, protesto, ritmo, amor, poesia, tudo isso misturado. Tem rap que fala de protesto, outros de amor, é uma junção. O rap liberta, me sinto segura e livre pra ser quem eu sou.